

# reportagem.

Director  
REYNALDO FERREIRA

(Reporter X)



1. Mr. Oldman, de Londres e o seu museu de caveiras;—2 O famoso escritor alemão Hauptmann, que inaugurou a casa de Goethe;—3 O Ministro das Belas Artes da Hungria que quiz obrigâr os pintores a vestir *maillot* ao... nu;—4 Uma *blague* dos pintores húngaros;—5 A mascara de Goethe; 6 General Japonês Ueda victima dum atentado chinês;—7 O gabinete do Duce, em Roma;—8 O templo de Philte arrancado às aguas do Nilo;—9 Mussolini, Balbo, etc., ha dez anos, em Roma;—10 Uma carta gigantesca enviada ao presidente Hoover;—11 A mão direita «velha» e a esquerda «nova» de Mr. Knaff que aos 70 anos conseguiu rejuvenescer 30;—12 Knaff o homem que descobriu a vida eterna,

## ESPECTACULOS

## DE LISBOA

## TEATROS

- Teatro Nacional**—A aplaudida peça—*Frei Luiz de Souza*.  
**Politeama**—Em grande exito—*Areias de Portugal*.  
**Avenida**—A esplendida revista—*O Escorpião*.  
**Apolo**—*Hora Suprema*.  
**Variedades**—*Desculpa ó Caetano*.  
**Capitólio**—Cinema e Variedades.  
**Coliseu**—Companhia de Circo.

## CINEMAS

- S. Luiz**—Programa Paramount—*O Médico e o Monstro*.  
**Tivoli**—Programa da Ufa—*Um homem sem nome*.  
**Odeon**—*O meu ultimo amor* e *Zulai-ca a dansarina oriental*.  
**Central**—A celebre opereta alemã—*O príncipe da Arcadia*.  
**Olimpia**—*A filha do Dragão* e *Naufragio Amoroso*.  
**Condes**—*Um homem de negócios*.  
**Cine-Ginasio**—*Um estudante mendigo*.  
**Palacio**—*O meu ultimo amor*.  
**Chiado Terrasse**—*Kuick o Palhaço* com Lilian Harvey.  
**Paris**—*Trader Horn*—documentário d'África.  
**Europa**—*O Rei do Beijo* e *Taezam entre as Feras*.  
**LYS**—*Sob uma falsa bandeira*.  
**Palatino**—*Dentro da Lei*.

## DO PORTO

- Teatro Sá da Bandeira**—*Flor de Liz*.  
**S. João Cine**—Um grande film da Ufa—*O Concerto Rial de Saus Souci*.  
**Águia d'Ouro**—*Que rapaz encantador*, com Henry Garat e Meg Lemonnier.  
**Salão Trindade**—Estreia da grande farça *Pamplinas Milionario* com o impagavel Buster Keaton.  
**Salão Olimpia**—Estreia do portugue-sissimo film *Os Campinos do Ribatejo*.  
**Salão Batalha**—Os dois grandes films—*Um Príncipe que nunca amou* e *Transatlantico*—terça-feira estreia de Bufalo-Bill falada e em episódios.

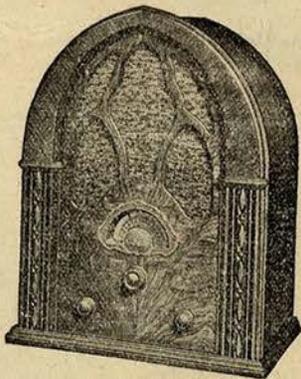
## REPORTER X

???

BREVEMENTE

ATWATER  
KENT  
RADIO

Ter o mundo entre dois dedos!...



MODELO 228

o murmúrio de uma prece ou o clangor de uma marcha de guerra. Tudo sob o controle de dois dedos entre os quais se encontra o comando do mundo!...

Distribuidores gerais para o Norte:

**ELECTRÓNIA, L.<sup>DA</sup>**

Praça da Batalha, 119—Telefone, 5800—PORTO

MACHADO & BRANDÃO  
REPRESENTANTES

Das afamadas marcas

**Mercedes-Minerva  
Rosengart**A CASA MELHOR SORTIDA  
EM ACESSÓRIOS**Impermeáveis, capas de borra-  
cha e agasalho**

Rua de Sá da Bandeira, 193

PORTO

**Dr. Augusto Pires de Lima**

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

Electro-diagnóstico e electro-terapia

**Casa de Saude Portuense**Pavilhão particular para  
internamento de doentes

Rua Herois de Chaves, 588—Telefone, 535

— Consultas das 3 às 6 —

Resid.: Rua 5 de Outubro 242—Telef. 2695

**VINHOS AMADEU**

Dos melhores

Vinhos do Porto

Este numero foi  
visado pela  
Comissão de Censura



# reporter. HOMENS

## & FACTOS DO DIA

Comentários inocentes á volta da morte de D. Maria da Piedade Ribeiro

N.º 104 / ANO III

Segunda-feira, 7 de Novembro 1932

DIRECTOR-EDITOR REYNALDO FERREIRA (Reporter X)

PROPRIEDADE DE MERCEDES CAL

Escritórios: R. Picaria 73

Composto e impresso na Tip. LEITÃO

Rua da Picaria, 73

— PORTO —

**F**OSSE exigencia, pela falta de assuntos sensacionalistas; fosse por outro qualquer motivo,—o facto é que se fez uma reprise ruidosa desse velho melodrama que é a Misteriosa Morte de D. Maria da Piedade Ribeiro, viuva do farmacêutico do Padrão na cidade do Porto. Foi uma reprise com todas as honras duma premiê—embora usando, á falta d'outros, o mesmo decor e guarda-roupa. E—o que a notabilisa, sobretudo, é a simultaneidade com que varios órgãos retomaram o affaire, sinceramente, alvoroçados e em equal temperatura d'entusiasmo—sem que houvesse outro pretexto alem de uma vaga queixa apresentada pelo testamenteiro da falecida—o sr. José Maria Epifaneo, o que tão pouco é inédito, visto que já varias vezes retiniu a sineta do alarme policial—e nas anteriores baseado em oportunidades ou revelações novas e duma relativa importancia, o que não succede agora. Conheço o caso porque o tratei, desde o primeiro alerta, a seguir á morte da desventurosa senhora; até uma das ultimas denuncias. Conhecendo esse folhetim, em todas as suas suites—não encontro, na actual ressurreição, outra novidade que não seja o ruidoso eco jornalístico que provocou—quando o natural é que esse eco se produzisse como consequencia de qualquer inesperado filão que a tenacidade dos queixosos tivesse desenterrado. Pelo contrario; atordoam-me certos zig-zagues e desencontros, d'um imprevisto verdadeiramente original, como por exemplo, os finais de capitulo das reportagens dum colega que se publica no norte, que são criticos mais entusiastas desta reprise e que, ao terceiro artigo estabelecia tal confusão, em contraste com o que escrevera nos anteriores, que, através dele, facilmente se podia concluir que a unica criminosa...era a pobre D. Maria da Piedade!

Mas já que aparentemente fomos contagiados por essa paradoxal sensação jornalística, á volta do «cadaver» dum «cadaver»—ou pelo menos dum assunto que permanece cataleptico e que se refere ao cadaver da viuva do farmacêutico Ribeiro, procuremos uma pepita de «novidade» ou seja de «vida»—que só pode ser essa mesma sensação jornalística. Que um jornal se lembrasse, mesmo sem pretexto, e sem novos elementos, de sencaixoiar o misterio e esmiuçar-o, por sua conta até catar a pulga esquiva e insuspeitada de um aspecto inédito, quando não fosse ferir de morte o proprio diagão do misterio—só por papalvice ou má intenção nos podíamos surpreender, porque não é o primeiro «velho enigma» que a imprensa ressuscita e desfiando-o o transforma em «novo affaire» e muito mais empolgante do que na época em que estalou. Eu proprio não tenho forcido o nariz á assuntos em plena decomposição na memoria do publico e que a Roa

Sorte me ajudou a galvanisar, a ressuscitar e a rejuvenescer, como se o Varanof lhes tivesse enxertado as glandulas de macaco. O que logicamente me acendeu a atenção—repto—foi a simultaneidade, a expansão, a equalidade de temperatura, o nivelamento dos tons ruidosos, a coincidência... na falta de pretexto e no aspecto d'auto sugestão que todos oferecem, como se um magnetizador de music-hall os tivesse envolvido na mesma hipnose; a cadencia da marcha—embora uns caminhem com a galhardia de soldados prussianos e outros com o desmazelo de galuchos paraguayos—... Estas setas vermelhas,—confesso,—só me picaram os olhos quando se iluminaram com outros detalhes verdadeiramente singulares. Das outras reprises (já vos disse que acompanho o assunto desde a estreia policial) o reflexo na imprensa, decrescente de interesse e de ruido á medida que o tempo nos afastava da causa e que se succediam os trez vezes nove das investigações, era apenas um fenomeno natural e normal em todos os aspectos. Não havia nem provocação, nem imans, nem desproporções... Os reporteres, ao tomarem nota das occurencias do dia, no Aljube, viam entre a queixa dum burlado e a prisão dum carteirista, a noticia de uma nova queixa ou investigação ordenada sobre o misterio da morte de D. Maria da Piedade; procuravam espreitar, á transparencia do laconismo dessas noticias, todos os pormenores que as valorizassem, e á noite, na redação, dedicavam-lhes o espaço e o brilho que cada uma delas merecia. Seguiam dia a dia, a evolução dos casos pendentes—e por ultimo, assim como noticiavam que o burlão fora descoberto e que o carteirista acabava por confessar as proezas que o levavam á cadeia—informavam o publico que o processo da «misteriosa morte de D. Maria» fora arquivado por inconsistencia dos novos elementos da queixa.

Desta vez o gráfico foi muito outro. Antes de romperem os ecos da ressurreição (passez le mot...); antes mesmo da nova queixa ser apresentada já se disputavam no café, em redor duma futura sensação jornalística. Soube que tres pessoas, ignorando-se entre si, segredavam aos intimos o estarem senhores de toda a documentação sobre um velho e tremendo crime, documentação que era como as algemas e a grilheta de um médico; e que essa sorte grande profissional equivalia á gloria e á fortuna—posto que quem a publicasse teria de pagar-a a pezo d'ouro, porque a pezo d'ouro de grandes edições a pagaria o publico. Este exagero não pôde ser atribuído apenas a uma deformação d'optica, a uma dilatação utopista, a uma profunda inexperiencia profissional ou completa falha de senso, e de visão dos valores e das medidas. Essas lacunas pessoais podiam, sim, facilitar a ilusão—mas nunca criá-la por espontanea fantasia, sobretudo repetindo-a em tres espiritos, e alcançando, nos tres, as mesmas proporções da ingenuidade. Quando uma destas propostas me veio, indirectamente áesfexada, por intermédio dum outro colega, de imprensa, que desconhecia o assunto —e portanto acreditava relativamente no que

lhe diziam, resolvi investigar por minha conta o segredo daquelas simultâneas ilusões. E sem grande esforço, conclui que os tres tinham sido embriagados pelo mesmo licôr. O mesmo individuo que contagiara no primeiro aquella fê na gloria e na fortuna, (graças a um segredo que por amizade, lhe revelava amparado a provas insofismaveis (era a mesma que contagiara os outros dois e pelo mesmo processo. Portanto, desta vez, antecipando-se a própria queixa, houve a preocupação de preparar na imprensa um acompanhamento forte; e para o conseguir, usou de uma habilidade: valorisar e encarecer o assunto, atraindo, para elle, de preferencia, jornalistas de indiscutivel valor—alguns—mas inexperientes e de fácil sugestão. Esclarecido sobre o funcionamento deste dinamô—procurei saber, se a futura queixa ia acrescentar algo que correspondesse um pouco ao piegão que dela alguém fizera. Não! Os factos, os indícios, os elementos eram os mesmos, e sem a minima evolução—como se desde a ultima «reprise» os tivessem guardado em frigorifico. E logo a seguir nova tentativa por meio de um estratagemas, deveras engenhoso, tão engenhoso, que sem a prevenção dos antecedentes teria forçosamente sido embalado ao som da mesma Valsa... Era uma carta, que outro amigo meu (que por contágio de verdade agia sinceramente), que aconselhando-me a tomar a peito a questão e imediatamente! Extranhei esse conselho—embora elle o explicasse com lisonjeiras razões que não ouse copiar para aqui; extranhei-o sobretudo por esse correspondente ser de Lisboa e estar de passagem no Porto. Mas logo dois dias depois—fechei o circulo com uma informaçã dada inconscientemente por um parente comum: «Sabe quem esteve no Porto? O meu cunhado Z...! Demorou apenas 24 horas. Falei-lhe na Brasileira... Estava com Fulano...» Ora Fulano era o mesmo individuo que intoxicara os tres utopistas inexperientes—com a ilusão de que lhes regalava a chave do tesouro dos Incas—fundida nas já conhecidas duvidas e suspeitas, que cercam á morte de D. Maria da Piedade.

Mas a questão tem outro aspecto ainda, e mais grave—(porque deste, afinal, conclue-se apenas um interesse especial, um interesse que, não sei porque, usa mascara e ilusionismos, que determinado individuo, ligado ao caso, revela—procurando, desta vez, através vias sinuosas a maxima barulheira sensacionalista, á volta da reprise excessivo profissional e por outro lado boa fé senão de todos, alguns dos jornalistas que foram suggestionados por esse individuo. A gravidade deste misterio, se ele existe de facto, não data de hoje mas sim do primeiro dia, visto que o proprio caso em si. Se é verdade, é a hipotese com que os queixosos insistem na sua é verdadeira—que tremendo pesadelo pesa sobre todos nós. Se é verdade, se é possível cometer-se um crime como as suspeitas teimam em apresenta-lo; e neste caso é possível obter-se tão fôfa e regalada impunidade, graças apenas a ser cauteloso, inteligente sereno e energico—todos nós estamos sob a mesma ameaça, não falando no numero infinito de vitimas como a D. Maria da Piedade podem ter atingido, sem que os seus assassinos sofram o castigo da sua igno-

Conclue na pag. 11)

**Excelsior Café**

A delicia dos cafés

Rua Sá da Bandeira — PORTO

## O THEATRO DO HVESSO

## Coristas, comparsas, figurantes

## Suas aventuras, desventuras, tragedias e segredos

O que ganham e como trabalham as «girls» nacionais — A tuberculose e as lesões cardiacas precoces — O marcado dos figurantes. — Os soldados furta-cores da Aljubarrota — em PERNANBUCO.



A orquestra, satanizada com guinchos e tremuras metálicas de jazz-band — atacava as ultimas notas do numero, e o frizo das girls nacionais, como que embobinado por um invisível cilindro, começou a sair do palco d'olhos e sorrisos assestados na sala; as pernas e os braços desengonçados num ritmo de bonecos de corda... Mas o neófito, que estava fóra de scena, pasmava ante a brusca metamorfose, a subita humanização daqueles belos automatismos gêmeos. E' que, uma a uma á medida que passavam a fronteira dos bastidores, iam desempastelando-se, desaparecendo-se do friso, libertando-se do «conjunto» bufando de cansaço, desapertando um sapato incômodo, e logo se lançavam em correria pelas ingremes e labirínticas escalas dos camarins — para se despirem de novo para o proximo numero. — Sorrisos, olhares dilatados e faulhantes, atitudes e movimentos mecanizados — tudo se apagava, desaparecia, á passagem dos bastidores — como se o frizo, que unificava há pouco todos aqueles corpos num só corpo, tivesse sido desarticulado, rasgado por mãos de gigante. E entre os *shius!* imperativos do contra-regra, palmadas e graçolas dos maquinistas e *coyós* e olhadelas discretamente gulosas dos policias e dos bombeiros — trepam e voltam a descer dos camarins em algazarra, taconeando escandalosamente os degraus das escadarias em ruína. Frêgolisadas á la minute — e-las de novo, apertando uma fita, acolchitando um corpete, avivando os lábios, suadas esfalladas, moidas — mas humanas, e soltas ainda, Soou a deixa; vibram as primeiras notas musicais do numero e á um gesto do contra-regra que pragueja contra uma que chega sempre atrasada, elas, as girls, vão entrando em scena como esferasitas de mercúrio que se atraem e formam uma só peça, as primeiras já ligadas, siamezas, ritmadas pelos mesmos movimentos de automáticos; as últimas ainda desligadas, retocando-se; e todas, ao passarem a fronteira dos bastidores, se empastelam num friso — num friso que se fosse desbobinando...

Um velho contra-regra, com quarenta anos de palco, mascando o seu charuto apagado — palestra comigo: «E há quem lhes injeje a sorte! Pobres raparigas! Em cada sessão mudam de fato doze, quinze vezes; — são duas sessões — faça-lhe a conta! E se fosse só o fato! São as trinta vezes que galgam essas escadas e as descem, sempre á lufa-lufa, com medo de faltarem; são as danças esperneadas, puladas, rodopiadas! Tenho conhecido centenas... Elas veem todas no mesmo engodo,

—coitadas! — A fome aperta lá em casa, e depois o palco tenta atraí... Algumas, mal fizeram quinze anos! Mas tem palmito de cara. Um corpo bem esculpido, aceitam-nas! Ganham cinco escudos por noite! —doze a quinze só as de primeira categoria — e ainda tem de ajudar o pai, a mãe, os irmãos pequenos. Mal alimentadas e com este esfalfamento diário — sendo elas, já de natureza, — enfermizas — como vão aguentar? Não resistem muito tempo. Cinco, seis anos, asma's fortes; dois, um ano, mais, as fracas! Depois veem os *coyós* arrotando postas de pescada, iludindo-as com fortunas que nunca tiveram — e elas, na ansia de saírem daquela miséria — vão cedendo. Hoje uma ceia; amanhã um almoço... Vão comendo! Depois — o *coyó* desaparece ou muda de gosto — e elas ficam á espera doutro *coyó*, que, pelo menos, lhe pague algumas refeições... Uma ou outra que se guinda a atriz, porque teve artes de embruxar os *senhores*? Uma ou outra que teve um partido sério que lhe pôz casa e que a traz no luxo? Mas isso é raro! Tenho conhecido centenas — e quantas já lá estão, esoiçadas pela tísica? E os corações? Um médico que havia cá no teatro e que as tratava de graça, disse-me uma vez que de todas só duas, embora com lesão, não estavam em perigo immediato... As outras, calcule: raparigas com desoiço, vinte anos — e com arterio-esclorose.

Em Portugal, á medida que se multiplicam as girls, em consequencia do desenvolvimento do genero ligeiro — rareiam os figurantes, pela decadencia do genero declamado de grande espectáculo... Houve epocas que quatro ou cinco teatros de Lisboa recrutavam, na mesma noite, um total de duzentos e trezentos comparsas. O templo de Salomão, no «Príncipe Real» consumia oitenta figurantes; o *D. Maria*, com o *Judas*, cem figurantes; o *D. Amélia*, com a *Santa Inquisição* sessenta... Cada teatro tinha os seus cabos de figuração, que alem do ordenado, tiravam dez reis, aos dois tostões que cada comparsa ganhava. Havia os *fixos*, os de confiança, os ensaiados, os que nunca faltavam; mas havia os inconstantes, os que se fartavam, os que se esqueciam... todas as noites, uma hora antes do pano subir, já os cabos sabiam com quantos podiam contar: faltavam dez ou vinte... Eil'os de corrida para ao tascos do Saraiva — que ainda ha pouco existia, no cotovelo de duas ruas atraz do Nacional, era ali o mercado principal de figurantes. Juntavam-se ás duzias — quasi andrajosos uns, pretenciosos na miséria outros, sem colarinho nem abafa nem saltos nos sapatos a maioria — mas todos com a barba feita — porque sem faces escanhoadas podiam perder a esperança aos dois tostões... Mal avistavam ao longe um cabo — não preveniam os colegas e corriam ao seu encontro a esmolhar o trabalho... E os cabos faziam escolha, como um sultão comprando escravos. E uma hora depois,

os mais esfarrapados brilhavam em scena, enroupados de príncipes ou de galhardos centuriões romanos.

Conta-se que o actor Alves da Silva, que durante mais de 20 anos percorreu grandes e pequenas cidades da America do Sul — Brazil, Argentina, etc. — com a sua troupe de melodramas (*Marquez de Pombal*, *Conde de Monte Cristo*, *Nopoleão*, *Processo Dregffus*, etc. etc) — amealhando uma pequena fortuna, sendo

(Continua na pág. 14)



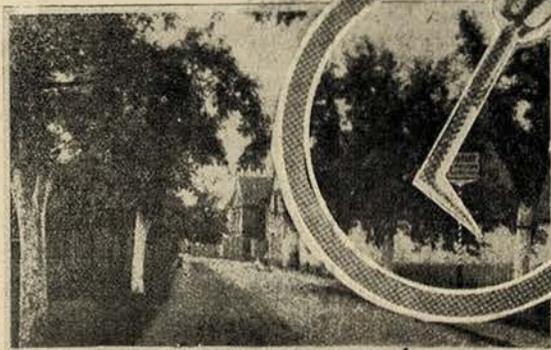
E meia hora depois são galhardos centuriões romanos ou nobres senhores da corte de Luíz XV...

## UM VELHO MISTÉRIO LISBOETA

## As agulhas empeçonhadas

que há catorze anos aterrorisaram a capital e cujo segredo é agora revelado ao "Reporter X"

Da tragédia á farça. — As lendas fantasmagóricas que fazem época — Da Costureira portuguesa ao "Casse-glaces" parisiense. — As agulhas em S. Paulo e Barcelona. — «Dentro da noite» de João do Rio. — As datas e um nome.



O refugio do homem das agulhas, era um casebre nos arredores de Lisboa

**Q**UE preciosa e impressionante colecção nos poderia exibir quem tivesse tido a iniciativa — e a pachorra — de registar todos esses boatos, lendas ou autenticos enigmas fantasmagóricos que, nos últimos trinta anos, fizeram época nas pequenas e grandes cidades? Se uns eram cozinhados com todos os temperos da lógica; outros, irriçados, farpados de inverosímil ameaçavam patinar pelo conto da corochinha.

Um dia, aspirávamos a «novidade», sem sabermos, ao certo quem a tinha cochichado ou se fora fogo-factuo de um sonho ou reminiscência de uma velha leitura, a confundir-se na memória, com a realidade. E surpreendiamos-nos pouco depois, sob as rajadas — da mesma notícia, com que dez, vinte alviçareiros nos fuzilavam a cada esquina, nos cafés, no barbeiro.

Para se medir a sua extensão e o volume citaremos a alma da «costureira» que pedalava, no eter, na sua «Singer» esfalfante — e com quem todo o Portugal se relacionou; O «Hombre del ojo de prego» que arrepiou o dorso de todos os sevilhanos; «Le casse-glaces» — que foi, derante dois anos, no Paris de Balzac, de Musset, de George Sand — o passatempo grand-guignolesco dos salões românticos.

Duma, por celebre, insistente e complexa, — se recordarão ainda: a das «agulhas envenenadas» ou para ser fiel a gíria que a apodou: a das «agulhas empeçonhadas».

## Do trágico ao ridículo

Nasceu pouco depois á vitória de Sidoneo Paes em 1917 — e durou para além da sua zona histórica, posto que em 1919, ainda se discutiam e evocavam casos recentes. Ao principio quizeram tirar do caso um ridículo oportunismo político...

Afirmava-se que andavam pela cidade certos individuos com a sinistra missão de picar os nossos valentes marujos com agulhas embebidas não sei em que tóxico; e que após algumas horas ou dias de inquisitorial sofrimento — os desgraçados sucumbiam á... *pica-da*.

Como era natural, se a notícia se alastrou continuamente, durante dois anos, ganhando sempre novos adeptos e propagadores — entre os broncos, os cegos de espirito ou os

obsecados — ia, por outro lado enfranquecendo, sangrada por todas as troças e caricaturas. Não houve jornal humorístico que não a explorasse — e numa revista do *Eden*, de Ernesto Rodrigues & C.<sup>a</sup> o actor João Silva, tra-



O nosso chefe abancára á sua secretaria e sem tirar o chapéu, disse-nos...

jando a nivea farda dos caixeiros da extinta «Nutricia», com pacotinhos de bolos e fatinhas dependurados nos dedos e algodão nas roupas para lhe arredondar as formas, falava, assustado, em voz de falséte, nas agulhas empeçonhadas...

## As «agulhas» em S. Paulo

Quem tenha residido em S. Paulo (Brazil) de 1927-29 — pode certificar-se se os factos que seguem tiveram, ou não, o maximo alastramento, ecoando como ribombos de uma tem-

pestade apocalíptica. Começaram a cochichar pelas esquinas, pelos cafés, pelos clubs: «Você não sabe, seu negro? Anda para ai um espirito safado que crava agulhas nos corpinhos das moças mais lindinhas que encontra na rua... Não estou a brincar! A irmã do Juca; e uma senhorinha que vai fazer compras lá ao estabelecimento; e a noiva do B...! A Lili — você sabe? — ia no *trottoir*, muito descuidada e de repente, — Zás — sente uma ferradela no braço esquerdo — ai! meu Deus! que ferradela! Soltou um gritinho, levou a mão direita ao braço e viu logo um fio vermelho a correr pelos dedos... Mosquito não era! Sonho também não! Se fosse sonho não deixava sangue! E Lili olhou á volta a ver quem fora o caipora atrevido que a picara assim? Olhou e não viu ninguém!

Pouco a pouco as «moças» picadas com «agulhas» pelo «fantasma safado» foram-se multiplicando. Por último atingiam dezenas de milhares, as vítimas desse misterioso e original «Jack-estripador»... Em S. Paulo não se falava doutro assunto.

... Na fermentação das discussões chiavam os boatos mais desencontrados — não faltando a corrente de opinião que dava as agulhas embebidas em peçonha e que citava casos em que as vítimas sucumbiam a poucas horas do atentado — boato que nunca teve uma confirmação séria. Sobre o aspecto visível do «espirito», a versão de um corpo mixto de éter e de fumaraca, com recôrte humano, impalpavel e dissolvido ao primeiro jacto de luz poterosa, pouco tempo durou. Outras moças, que seguiram na ordem das «picadas», talvez mais calmas e fortes — afirmavam que ao reviravoltarem á busca de quem as ferira — notavam a pouca distancia, apressado e olhando para traz numa attitude suspeita, um cavalheiro elegante e que, invariavelmente, com o pretexto de se assoar, velava o rosto até aos olhos, com um lenço — e que se sumia na primeira esquina.

A série paulistana teve um remate escandaloso. Uma noite, numa «pensão» luxuosa onde abundavam as «internacionais» mais cotizadas da cidade — uns senhores respeitáveis que pagavam *champagne* nos salões foram alarmados pela grita que irrompera

(Continua na pag. 14)

# O SEGREDO DUM CONSULTÓRIO

## OU MEMÓRIAS DUM MÉDICO

N.º 3 = AS LUVAS AMARELAS DO Sr. CONDE...

**M**EMÓRIAS DUM MÉDICO ou mais exactamente «Memórias da enfermeira de médico» é uma série sensacional de reportagens — em que se revelam os segredos insuspeitados dum consultório médico. Pelos dois primeiros episódios publicados — «A Dama das faixas negras» e o «Homem do Cloroformio» produziram uma profunda emoção no publico. O de hoje, sendo dum caracter diferente aos anteriores, impressiona não só pelo seu interesse empolgante — como também porque nos dá uma visão inesperada do imenso repertório de dramas e farças que se representa por detraz da porta dum gabinete médico.

ERA cliente e amigo do Dr. X... As suas frequentes visitas ao médico tinham simultaneamente, o aspecto de uma consulta por habito-mania; e de uma tertulia para cavaco ameno. E tanto assim que os outros clientes que o viam á sua frente, na ordem dentrada, ou abalavam ou lhe pediam a vez — por saberem o tempo que ele se demorava sempre no gabinete do doutor...

Era titular... Conde de T... Dizem que os condes de T... descendem, não sei porque linha, dos Gamas ou dos Albuquerque. O que sei, vi eu, é que num livro de Camilo Castelo Branco (tive uma época — como todas as raparigas que só lia Camilo) — parece-me que no «Regicida» — contrasena com os heroes do romance um conde T... Portanto a prosapia deste fidalgo baseia-se, de facto, numa nobreza de seculos. Chama-se D. Diogo. Toda a gente — até o Doutor — o trata por D. Diogo. Deve roçar pelos sessenta — embora os seus esforços por rejuvenescer o deixem, por vezes, numa cómica aparência de idade indefinida. Usa capachinho, pinta o bigode e os sob'olhos peludos; e encasca a cara não sei em que drogas para ocultar as rugas e pés de galinha — que nele devem ser já de *avestruz*... O seu porte, o seu vestuario — são sempre irrepreensiveis! Um autentico *gentleman* de Oxford Street... Capricha, com certa vaidade, em confundir-se com os legantes britanicos. «Não admira... — costuma dizer — Fui educado em Londres. Para Londres abalo sempre que posso conquistar umas férias largas... E não tem conta os mezes, os anos, que vivi na Inglaterra — somadas estas estadias irregulares mas constantes...» Trez detalhes o caracterizam: o monoculo — como nunca vi outro; monumental, encaixilhado em tartaruga mas bizantinices inéditas na forma; e um fitilho negro e largo a prende-lo ao pescoço; uma orquidea, sempre renovada, sempre cor de perola, que jamais deixa de florir a sua lapela; e as luvas — luvas que seriam amarelas... se houvesse um amarelo naquele tom absolutamente desconcertante, berrante, chamativo. As suas luvas amarelas, mais do que o monoculo e do que a orquidea o preocupam. Nunca o vi sem ser enluvado; nunca lhe conheci luvas que não fossem daquela cor e daquele feltro meio moscovita, meio renascença; e dando a impressão que as acabava de estrear.

menos inteirada sobre a vida intima do Conde de T... Contudo só muito tarde conheci a sua tragédia — tragédia que tivera como palco principal aquêle consultório. E foi por causa das luvas amarelas...

Mas... eu conto. Uma noite, após a consulta o Dr. X... chamou-me para me dar instruções para o dia seguinte. D. Diogo estivera lá aquela tarde — e eu, notando, por acaso, que ele deixara as luvas sobre uma banqueta, ia a pegá-lhe, quando o doutor, retendo-me, precipitado e violentamente, exclamou: «Não toque nessas luvas... Tocou? Se toucou mesmo se roçou apenas — vá já desinfectar as mãos — cuidado... é preciso encharcar toda a banqueta com usil... Admira-me que o conde se tenha esquecido das luvas... Se ha cousa em que ele tenha cuidado...» Não terminou a frase — porque ouvimos passos no corredor... Abri a porta — e dei logo com D. Diogo. Era evidente a sua perturbação, o seu nervosismo... O meu olhar, por uma irrepreensível curiosidade, dirigiu-se logo para as mãos do conde... Mas estavam enluvadas — enluvadas de amarelo, luvas gêmeas ás que ele se esquecera! Que coleção de luvaria era aquela?

«O Dr. X. ainda está? Dá-me licença... São só dois minutos...» Entrou. Sobravaçava uma pasta de couro. Não se demorou, de facto. E quando voltei ao gabinete, já as luvas tinham desaparecido e o Dr. X. estava a entornar desinfectantes por toda a parte...

Poucas juventudes se podiam orgulhar de tantas conquistas amorosas como a D. Diogo. Em Portugal, em Londres, em Paris, nos salões, nos teatros — e nas ruas — a sua passagem era uma sangria ininterrupta de corações femininos... Amara e fora amado pelas mulheres mais belas e resistentes da sua época. Mas, por isso mesmo, a velhice foi precoce, e na idade em que muitos ainda se pavoneiam como sultões — já ele se sentia na visinhança da reforma, como D. Juan Tenorio... Caiu então numa neurastenia aguda,



O moço visitava-a ás escondidas...

isolando-se, não saindo quasi de casa. O seu unico convívio era um filho — o unico que ele reconhecera dos seus amores com uma fidalga austriaca. Tinha vinte anos, era inteligente, belo moço, serio, estudioso, e tratava o pae com uma ternura sincera e comovedora... Mas um dia, dos poucos dias em que D. Diogo abandonava o seu isolamento — conheceu uma mulher que, decididamente, lhe estava indicada ainda, para a sua galeria amorosa. Era uma modesta dactilografista, formosa como uma princeza de conto de fadas, e simples; e sincera; e modesta... O coração de D. Diogo pulou-lhe no peito! Se ela quizesse... — que fofo e glorioso remate daria á sua carreira! A pobre moça, pouco habituada a ser cortejada com a tecnica, com a fidalguia, com a sciencia de um D. Diogo — enamorou-se dele, cedeu ás suas propostas, sinceramente convencida que podia ser feliz e fazel'o feliz — indifferente á diferenca enorme das idades. Ele instalou-a num *coquete appartement* da Avenida, levou-a a Paris e á Italia, e começou a fazer uma vida absolutamente inédita. Era venturoso — absolutamente venturoso. Passaram-se dois anos. E ao cabo de dois anos — um introquista veio descastelar aquela torre de maravilhas: ela enganava-o; ela tinha um amante! Dez, vinte anos antes D. Diogo soltaria uma gargalhada, teria um gesto teatral e humorístico e substituiria a infiel por trez novas odaliscas. Mas agora em que inferno caía a sua alma! Não relletiu — sofreu apenas! Não tomou resoluções — entregou-se ao odio, um odio artificial ao desconhecido que lhe roubava a felicidade e que ele nem sequer tinha a coragem de investigar quem era.

Queria vingar-se, vingar-se ferozmente — mas sem perder o ritmo em que vivia. Uma noite, no consultório do Dr. X... soube que certo frasco que estava sobre a mesa — guardava a cultura de certos bacillus (que, por piedade para com os nervos dos leitores, não nomeio). Escamoteou o frasco; e alucinado pela dor teve o heroismo suicida de se contagiar, horas antes de passar uma das noites mais ardentemente amorosas da sua vida. Amou a amante, nessas horas em que a estava contagiando de uma doença satânica, como se ignorasse as suas infidelidades; como se tivesse apenas vinte anos! Mas o seu objectivo — e o do seu odio não era desgraçar, apodrecer aquela carne que se entregara e que o traíra. A sua vingança estava em... contagiar o rival, o amante dela que receberia, como preço dos seus beijos — o bacillus da terrível doença! E cumprido o plano diabólico — regressou ao seu lar mais calmo — quasi esquecido do que fizera. Decorreram dias... Ele começou a sentir-se doente... O Dr. X, chamado pasmou-se ante os sintomas do mal — e atacou-o com toda a violencia. As mãos de D. Diogo enchiem-se de feridas, descarnavam-se rapidamente... Uma tarde o seu filho entra no seu quarto — angustiado, aterrorizado, «Meu pai! Estou perdido! Creio que tenho...» — e pronunciou o nome da enfermidade. E depois explicou: «E' um segredo que só posso confiar-lhe a si, meu pai. Existe uma rapariga que eu amo e que me ania — mas conhecemo-nos demasiado tarde. Ela vive com um bom velhote que a trata bem, que a estima e que ela estima filialmente! Não sei como se chama — porque nunca m'o disse. Após longos mezes de luta intima — cedemos ambos ao nosso amor — mas uma só

Como era natural, hoje um desabafo, amanha uma bisbilhotice doutro cliente, depois uma confidência do doutor — estava mais ou

Continua na (pag. 15)

## UMA BURLA . . . Á RAFFLES

### O caso do cheque de 1.700 contos apresentado a desconto na C. G. D. do Porto

Uma traça fora do vulgar—O que se apurou—

#### O caso do Crédit Anversois

**O** NOSSO paiz—dizia um humorista nacional—é pobre em tudo... até no roubar! De facto, desfiando dia à dia o roزاری das ladroeiros, gatunices e traças que a imprensa regista nota-se, em primeiro lugar, uma pelintra geral de aspirações (ou roubos começam por um par de peugas usadas e acabam, os mais graves, numa carteira com trez notas de dez escudos e um decimo, *branco*, da loteria anterior); e a seguir, uma falta absoluta de imaginação, de engenho, de technica... Honranos seja feita, rouba-se e burla-se em Portugal ainda pelos sistemas de ha cem anos;

Dai o escandaloso e ruído produzidos à volta da fracassada burla dos 1.700 contos, tentada por meio dum cheque falso, na filial da Caixa Geral dos Depósitos da cidade do Porto. Não só pela quantia—uma autentica fortuna, quasi dois milhões de escudos—mas sobretudo pela trama tecida em volta do golpe, bem explicam, pelo contraste folhite-nesco que oferece ao rame-rame modesto a que estamos acostumados—a celeuma e a sensação causadas...

O caso, badalado pelos diários, pode resumir-se em poucas linhas. Há poucos dias, apresenta-se na Filial Portuense da Caixa, na Avenida dos Aliados, um sujeito que entregou um cheque da Filial de Vizeu, de mil e setecentos contos, assinado por João do Amaral Pacheco de Figueiredo, e assinatura reconhecida pelo notario do Porto, — dr. Diamantino Calixto, recebendo em troca a respectiva fixa. Tudo estava legalizado; e desfazendo quaisquer dúvidas que, inexplicavelmente surgissem— a Filial Portuense recebera da de Vizeu um aviso prevenindo-a dêsse cheque, o que é regulamente fazer-se, sempre que ultrapassarem de 1.500 contos! E contudo, houve suspeitas—quasi certezas, immediatas de que se tratava de uma burla. E era mesmo...

Preso o portador—êste declarou chamar-se Afonso Pereira, ser empregado comercial e residir na rua de S. Victor, 172, da mesma cidade do Porto. Durante alguns dias negou que fôsse êle quem tivesse apresentado o cheque. Mas ante os testemunhos dos funcionários da Caixa, que o trataram nessa ocasião—resignou-se a confessar apenas que apresentara o cheque. A' hora a que escrevemos os investigadores—a elite da P. I. P., o chefe Ferreira, e os agentes Vidal e Ventura, apuraram que: 1.º: que o cheque inicialmente, era de... 17 escudos e 50 centavos—sendo portanto viado, por meios químicos na transformação para... 1700 contos; 2.º: que sendo autêntico o reconhecimento do notário—não existe naquê-le escritório nenhum registo com a assinatura do cheque—o que demonstra que era outro o nome que êles apresentaram ao reconhecimento, nome que deve existir nos livros do notário, e que êles substituíram depois, graças aos mesmos preparados químicos pelo de José do Amaral Pacheco de Figueiredo—deixando, intacto, o reconhecimento; e 3.º: que forçoso existir uma cumplicidade vasta na filial de Vizeu, para que o plano tivesse tôda esta larguêsa e para que não faltasse o

aviso à filial do Porto,—tratando-se dum cheque de escudos 17\$50... Mas é muito possivel que à hora em que este jornal fôr lido, já toda a verdade esteja revelada...

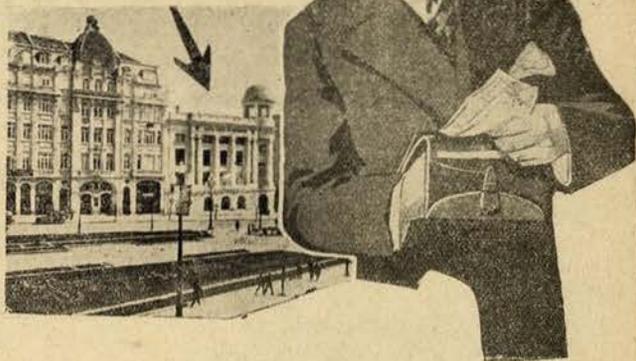
\*\*\*

Para nós, o mais paradoxal de todo este engenho está na suspeita, na quasi certeza, que o cheque, tão legal, tão normal, desperitou na Caixa do Porto. Explica-se este paradoxo da forma seguinte: ha tempos, alguém solicitara a cumplicidade de um funcionário desta filial para um golpe deste genero e que este funcionário, embora não tivesse desiludido os burlões se apressara a prevenir os seus chefes. Em primeiro lugar—entrando, diariamente, na Caixa dezenas, centenas talvez, de cheques—e alguns de quantias tão elevadas ou mais do que a deste; e não tendo o focado funcionário, tornado a falar com os burlões e ignorando, por conseguinte, se eles insistiam ou não, na sua façanha; e se insistissem—a data e a forma de a praticar—como foi que tão rapidamente, certamente, fixaram o seu *index* naquele cheque, insuspeito por todos os motivos e perdido entre tantos?

Dizia Piccard que todo o homem honesto—sente vocação para gatuno; e quando vê fracassar um profissional do roubo, graças a uma imprudencia estúpida ou a um esquecimento imperdoável se indigna contra êle e exclama: «Se fosse eu teria agido doutro modo e a policia não me apanharia». Mas, acrescenta Piccard, felizmente êsses criticos do roubo, senhores de uma technica infalivel, nunca roubaram; e os que roubam não possuem essa technica infalivel; e quando se dá o caso de um cavalheiro daquela classe desviar-se e cair em tentação e pecado—esquece-se das suas doutrinas asseguradoras da impunidade, e comete os mesmos erros dos profissionais. Que, verdade se diga, se no nosso paiz os gatunos e os *escrocs* são duma falta de imaginação e de encefalo—ridicula; os próprios *azes* internacionais, os melhor preparados, com raras excepções, resvalam em verdadeiras infantilidades que os perdem.

Por outro lado, Tompson, o cêebre organisador da Scotland Yard de Londres, dizia que o criminoso perigoso era aquele que cometia um só crime—o primeiro; e o fazia com inteligencia; e tinha a sufficiente força de vontade para não se embriagar com esse exito e impunidade—resistindo à tentação de uma nova experiencia. «êsses ineditos, sem sinais digitais; sem cadastro, sem antecedentes, que premeditam com inteligencia a sua proeza; e a executam sem deixar rastros e que reaparecem em seguida no seu ambito de homens honrados, fora de toda a suspeita—escapam quasi sempre à justiça!»

Exemplo: em 1926 apparecem nos Correios de Madrid, vários vales, telegráficos, de Ginjon, dirigidos a um senhor que estava hospedado no Ritz. Este senhor chegara dois dias antes de Paris, apresentara-se com passaporte



em ordem e como industrial em Neuilly. Os vales somavam a bagatela de 50.000 pesetas. O cavalheiro recebeu o dinheiro, entre bocéijos de quem está habilitado a muito mais—esta mesma noite os empregados do *Ritz* levam-lhes as malas e viam-no partir no rapido de Paris, para o qual tinha mandado comprar bilhete. Só um mez depois se soube que aquela quantia não dera entrada no Telegrafo de Ginjon coincidindo a data dos vales com a vespera da brusca doença dum telegrafista, que era casado com a empregada do *guichet* dos vales telegraficos. Os vales entrados somavam apenas 500 pesetas; a esposa do telegrafista preparara as coisas para que nos registos de Ginjon figurassem apenas 500 pesetas—mas que no aviso telegrafico para Madrid fossem 50.000; o telegrafista seu marido, telegrafou as 50.000 pesetas; o seu cumplice (soube-se depois que era cunhado) aguardou os vales em Madrid. E uma vez embolsado o dinheiro, foi reunir-se aos socios—e até hoje!

Mas de todos os «affaires» ultimamente revelados—o mais semelhante ao do cheque de 1700 contos é do *Credit Anversois*—que com um cheque de 480 francos receberam 480.000 francos. O cheque era da sucursal de Liege e foi cobrado na sede de Anvers. Em toos os seus detalhes se eguala a este! No caso belga—os unicos presos foram um pobre diabo que aceitou a missão de ir ao banco; e um funcionario do banco—sob suspeita de cumplice. Quanto aos verdadeiros mandatarios—nunca se souberam eram...

Ora este golpe tem todo o sabor de *international*...

QUEREIS DINHEIRO?

JOGAI NO

GAMA

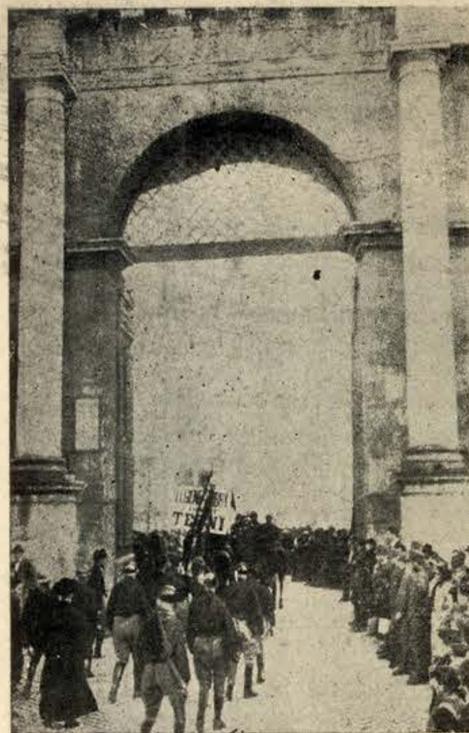
Rua do Amparo, 51  
LISBOA

Preços correntes

Pelo correio mais \$80 para registo.

Atende todos os pedidos da Provincia.

Sempre sortes grandes



A entrada dos primeiros fascistas em Roma, pela Porta do Povo, em 1922

## NAS ENTRANHAS DA VICTORIA FASCISTA

(OUTUBRO DE 1922-1932)

# QUEM É O "PORTUGUEZ"

## QUE EM 1922 ACOMPANHOU MUSSOLINI

## NA CONQUISTA DE ROMA

graças á sua argúcia maquiavélica—e que vários historiadores, italianos e estrangeiros citam, sem revelar a sua personalidade?

O 10.º aniversário do fascismo.—A tecnica revolucionária de Mussolini.—Episódios inéditos e imprevisos da "marcha sobre Roma".—A oportunidade e a audácia

**A** CABA de passar o décimo aniversário do acontecimento histórico que, depois da metamorfose russa, mais profundamente revolucionou o universo. Estalando, como um poderoso bloco de hemalaite, ao sul da Europa, os seus tentáculos, desdendendo-se e irradiando pelos quatro cantos do mundo, enroscaram-se nas rodagens do velho engenho político-social e abalaram-no de morte. Foi precisamente no dia 30 de Outubro de 1932, ás 11 e meia da manhã que o rei Victor—Manuel da Italia, convidando Benito Mussolini ao seu palácio romano—lhe confiou a formação do gabinetes. Era o remate victorioso de uma luta de dois anos—mas a sua importancia não se limitava ás consequências, péssimas ou admiráveis, que tivesse na vida nacional italiana. E que, graças ao fascismo—e *fascismo* era e é Mussolini—em todos os outros paizes, as faunas dos que, desde 1917, hostilizavam e temiam o contagio russo; hostilizavam e temiam a eternização do *sunambulismo esteril e desacreditado* em que a guerra deixou os estados—sabiam que caminho seguir, que forças ante-rior ao existente e ao provável execrado.

E assim, a partir desse dia, o fascismo deixou de ser um incidente da Historia dum povo—para marcar uma nova época na Historia do Mundo. A Humanidade dividiu-se em dois campos, em dois ideais, em duas directrizes. Curzio Malaparte, o cronista oficioso e apaixonado de Mussolini, afirma num dos seus livros—«La Technique du Coup d'Etat»—primeiro, que a luta fascista pelo governo, foi uma *revolução*; segundo, que essa *revolução*, teve como modelo tecnico, a de 1917, na Russia; e terceiro: que Mussolini, sem o exemplo e sem a lição de Trosky não teria triunfado...

### Os antecedentes—A verdadeira causa do triunfo fascista.

Na Italia—o ambiente estava formado—embora diverso do da Russia. Os italianos vieram da guerra sofregos de uma profunda reforma social, dalgo que não fosse o que existia e que fôsse mais justo, que lhe proporcionasse uma soma maior de bem estar, de alegria, de ventura. E para o conseguir estavam dispostos a todos os sacrificios, a todos os esforços... A sugestão russa minava todo o sobso do reino. O Dr. Rampagni, illustre médico italiano, que assistiu á post-guerra no seu país—disse-nos uma vez, em Londres: «Se os chefes socialistas e comunis-

tas d'Italia sofrem inclemencias com o fascismo—só tem de se queixar deles próprios. No final da guerra—toda a Italia estava nas suas mãos e confiando cegamente na sua obra transformadora—obedeciam-lhe como automatos. A minoria aristocrática argentaria e patronal vivia sob o dominio dessa força imensa. A menor tentativa de reacção—os chefes decretavam uma ofensiva, a grande massa do país cumpria-a e a minoria dava-se por vencida. A fraquês da minoria e do próprio Estado e o poderio desses chefes avançados atingiram tais extremos que um dia, esses chefes, não sabendo que mais exigir—ordenaram a expropriação das fábricas. E a grande massa italiana obedeceu, sem titubios. Pegou em armas, expulsou os patrões, tomou conta das oficinas. E os patrões resignavam-se; e o governo, depois de uma vaga tentativa de violencia—logo apagada—quer que industriais e financeiros pactuassem com os operários. Era o triunfo completo—e com esse triunfo podia-se tecer uma nova vida, um novo estado de coisas—a realização dos sonhos do país inteiro. Assim o esperavam aqueles que obedeciam. Mas as horas e os dias sucediam-se sem que os chefes dessem um passo ávante, sem que aproveitassem aquele triunfo de momento, para o transformarem num triunfo definitivo. Andavam apáticos, esgazeados mas improductivos, como aqueles pobres de Cristo que recebem inesperadamente uma fortuna nababesca e não sabem o que hão-de fazer com ela. E o povo esperou, esperou a pé firme, embarricado nas fábricas, fuzil nas mãos—dormindo por terra, para que a menor ausencia não facilitasse a reconquista das oficinas pelos amos... «Nunca dormi tão mal nem passei tantas necessidades como quando fui patrão da minha fábrica» dizia um *couplet* da época. E o povo, a nação fatigaram-se de esperar... E o Estado, os patrões,

a força armada, ante a inercia do Papão—perderam-lhe o medo—ao mesmo tempo que—os disciplinados legionários perdiam a moral... E assim perderam os operários a sua própria *victoria*—e com ela a esperança que depositavam nos seus chefes. Foi nesse momento que surgiu Mussolini, contagiando com o seu verbo inérgico as massas desanimadas; dando uma orientação, uma organização, uma certeza e sobretudo... *um chefe*. Seguiram Mussolini—como seguiram os chefes socialistas; e se foi aquele e não estes quem se apossou do Estado, quem transformou a Italia, a culpa é só dos chefes socialistas!

### Onde aparece o «portuguez»...

Mussolini seguiu a estratégia de Trosky—adaptada ás circunstancias e á Italia. Em primeiro lugar—creou adeptos—não apenas pela gran-elocuencia sempre fértil em sugestões num povo latino—mas sobretudo em *factos*. Ao contrario do que é costume—ele primeiro media as forças de que dispunha; depois creava a *oportunidade*, provocando-a como se fosse obra dos seus adversários; e quando essa *oportunidade* parecia *surpreendê-lo*—ei-lo que ele lançava as suas forças já contadas e nesadas—com o ar de quem as improvisa—e, logicamente, *triunfava*. E, triunfando, dilatava a sua aureola!

Um dos preparativos reveladores de grande inteligencia, da revolução fascista—é, sem duvida, a do combate pelo ridiculo. Em todas as pequenas povoações de Italia, existiam dois, *trez caciques*, senhores absolutos da terra, monopolizadores da opinião e da vontade publicas e—que impediam ferozmente que o fascismo se alastrasse. Como vencer esses tremendos adversários? cometendo a audácia de os ir atacar, a seio, por meio de discursos e de propagandas eloquen-



O «portuguez» de Mussolini—segundo uma foto do *Miroir*, reproduzida pela imprensa alemã.



Mussolini, soldado, em 1916, com sua esposa e filhos—na época em que escreveu artigos anti-clericais...

fácilmente recrutavam milhares de adeptos.

Pois bem... É na *invenção do óleo de ricino*,—que surge, pela primeira vez, o nosso misterioso compatriota... O já citado Malaparte—chama-lhe «engenheiro lusitano» e «precioso auxiliar *inventivo*» de Mussolini... Em compensação—Tarchine Vetchia, director do órgão anti-fascista de Paris e autor della *Serra de Italia Fascista*—escreve, neste livro, o seguinte: «O exito obtido pela infamia da *purga de força*—fez sair da sombra—talvez contra a vontade de Benito—o seu «portuguez» inseparável, inigmático e quasi silencioso—

(Continua na pag. 13)



O laço de um acontecimento histórico! O primeiro encontro do Rei Victor—Manuel com Mussolini, em Roma, em Outubro de 1922



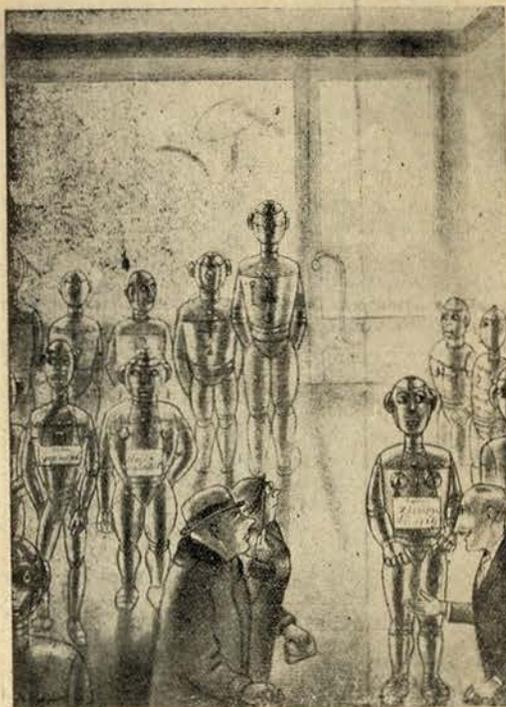
A modesta ascendencia do Duce: O pat, a mãe de Benito e Benito, em 1897 em plena puberdade...

## MARAVILHAS DO SÉCULO XX

## Em 1950 todos os criados serão homens e mulheres-mecânicos...

Assim o prevê um jornalista alemão que nos futurisa o que será a vida, nessa época. graças a esses automatados.

De jogador do xadrez ao gigante d'aço que fala, escreve e lê, no Olimpia de Londres



Nos salões de exibição, havia espécimes para todos os gostos...

DESDE que Marconi, de bordo do seu *yaht*, em pleno Mediterrâneo, conseguiu, graças a uma manobra do seu pósto de T. S. F. apagar por completo, durante alguns minutos, a iluminação da cidade de Sidney na Austrália—ou seja no outro extremo do globo—já não podemos duvidar de qualquer maravilha da ciência, por muito inverosímil que seja.

Estão em moda os «homens-mecânicos»—gigantes d'aço, com entranhas de mil rodas, mil fios, mil engrenagens—e que, sob o domínio da T. S. F. criam uma personalidade quasi humana. O ultimo, o mais perfeito, desconcertante e maravilhoso—foi o que Mr. Asker apresentou, há pouco tempo, no Olimpia de Londres. Se não é, de facto, um homem, como nós, com carne metálica e correntes electricas e substituir o sangue, e dinamamos em lugar de alma, coração e cerebro—como os homens ainda, gesticula, fala, olha, lê, responde, pensa, executa qualquer trabalho manual, escreve, joga ao xadrez, ri-se e se permite até, nos seus comentarios e atitudes, ter espirito ante os admiradores; e socar com um *directo* fulminante, os que abusarem dos seus nervos de arame! E isto do «homem-mecânico» praticar, como sistema defensivo ou ofensivo, a ciencia do *box* e contra os homens—de carne e osso—não é exagero ou parlata: lê-se no «Agora» de Madrid, em cronica de Londres sobre a exhibição do filho de Mr. Asker—o seguinte trecho: Havia, todos os dias, um grupo de graciosos—ingleses ou estrangeiros—que vinha não só irritar o publico com as suas gargalhas de mau gosto—como dificultar as varias execuções que Mr. Asker, exigia do seu «homem»... Farto de aturar os impertinentes—Mr. Asker, quiz, ante hontem pregar-lhe uma partida que os deixasse bem lembrados de que, com um *Homem*, mesmo mecânico, não se brinca impunemente. Ora, uma das habilidades do gigante de aço é, no meio dum *ring*, fazer uma exhibição da mais pura e moderna ciencia de *box*, esgrimindo os punhos metálicos com o vacuo, avançando, recuando, reviravoltando, como um autentico *az boxeur* revelando aos discipulos alguns dos seus segre-

dos. E Mr. Asker, que aguentara, sorridente, durante meia hora as impertinencias do grupo gracioso, a certa altura segredou (?) ao seu filho *mecânico* que... usasse das suas artes de *boxeur*—mas desta vez, que se dirigisse, não ao vacuo—mas sim aqueles insolentes pedantes...

O que se passou então foi tão rápido e tão imprevisito, que a própria imprensa londrina da manhã seguinte não o soube explicar... Seria a cólera que cegasse o gigante d'aço? Seria o seu dono e pai que não tivesse pronunciado bem as ordens que lhe deu? O que se sabe, sim, é que, o *homem mecânico*, aparentemente calmo até ali, foi subitamente sacudido como que por um *frisson* dorsal; recuou dois passos pestanejando as pálpebras de ferro, scintilou estrelinhas das iris de louca, e numa fúria epilética, pulando, desarticulando-se, desenganchando-se, arrancando das suas visceras, rodadas e electricas, guinchos, estalidos metálicos, estampidos e chispas—e illo a correr ao sóco os atrevidos impertinentes! Estes, aturidos, tendo dois entre eles, apinhado, só de raspão, uma caricia dos seus punhos—o suficiente para lhes esfarrapar os chapéus e ensanguentar as faces,—abalaram, de roldão, entrechocando-se, pisando-se, derubando-se uns aos outros, correndo esbaforidos, loucos de medo! Mas nem assim a cólera do *automato boxeur* se acalma... Ao girar sobre si mesmo, e ao ver no *ring* um só *homem de carne*, que ria ás gargalhadas, orgulhoso da valentia e do espirito de justiça revelados pelo seu *filho mecânico*—Mr. Asker—o gigante avança na mesma alucinação, para ele e acertando-lhe em cheio, na fronte prevenida do *pai* o primeiro *sóco*, que encontrava um alvo seguro,—desflexa-o para uma distancia de quatro metros, deixando-o por terra, inanimado e golphando sangue. Só então, retomando a sua attitude serena e pensativa, e o seu passo ritmico e firme, foi sentar-se no seu *mapple* e nêle se ficou mudo e indifferente, ao que se passava á sua volta.

«Agora» é um jornal sério, incapaz, mesmo por *blague* de uma parlata grosseira, mas se não bastasse,—tínhamos toda a imprensa inglesa que confirma até com *fotos*, o episódio. E confirmando-o, é caso para perguntarmos «Querem melhor?»

E' uma velha aspiração do engenho humano este de crear o *homem artificial*. Já no século XVIII um sábio polaco ou húngaro, meio alquimista, meio mecânico, gesticulava todos os seus ocios construindo *homens automatados* que andavam e gesticulavam pasmando as multidões papalvas da época. A sua obra prima era um *turco*—de madeira e cartão, recheado de engenhosas maquinas e que era capaz de jogar o xadrez e ganhar aos mais fortes jogadores.

A imperatriz Catarina da Rússia—quiz conhecer esta maravilha que foi expressamente a Moscou para que S. Magestade jogasse com o célebre *turco-mecânico*. Mas contra o protocolo (e aqui podia provar-se que o

mecanismo não era perfeito, visto que desconhecia as exigências da corte...) que obriga todos os que jogam com imperadores, reis ou príncipes, a deixarem-se vencer, ou seja a *perderem* para que não se diga que S. M. ou S. A. é inferior a qualquer mortal—tratando-se da arte, de jogar—mas, como ia dizendo, contra o protocolo, o *turco* ganhou escandalosamente, vexando a imperatriz com uma derrota vergonhosa! Por *suspeita* ou por capricho histórico. Catarina achou por bem considerar o *automato* como criminoso de lesa-magestade e decretou o seu fuzilamento. Após o baile e a ceia, o *boneco* foi colocado contra uma estátua do jardim do palácio—e um polotão da guarda imperial, numa rajada, crivou-o com as balas, enquanto os cortezãos se riam e lisongevam Catarina pela sua bela ideia... Mas eis que, filtrando-se, pela roupageo do *turco*, uma mancha de sangue começa a alastrar-se...

Dar-se-ia o caso que o engenho *automato* tivesse sangue a correr-lhe pelas veias de cartão? A razão era outra... Havia um oficial polaco, ameaçado de morte pelo governo russo, por conspirar em favor da independencia da sua pátria. O construtor do *automato*, amava esse jovem patriota—como se fosse seu filho e tudo arriscou para o salvar. Para conseguir que atravessasse a fronteira sem perigo de ser preso—creára aquêle *turco*, óco em parte. O oficial ocultava-se nêsse óco, cercado de fios e rodas, de fórma que, mesmo abrindo as «costas do *turco*» para exhibir a sua mecânica os curiosos não se descobriam o corpo do refugiado por que esse mecanismo o ocultava; e como o *jovem* era de facto um jogador de xadrez, eximio—o seu salvador usou dessa habilidade—atribuindo-a... ao *turco*, ao *automato*. Era o polaco—e não o *turco*, já se vê, quem jogava e pasmava os espectadores; fora ele e não o *boneco* quem, por amor próprio, derrotara a imperatriz.

Este episodio, popularizado por um romance francez que esteve em moda e por um film que dêle extrairam—é absolutamente histórico. O próprio Dr. Cabanés, nos seus estudos sobre a imperatriz Catarina o cita—anos antes do livro e do film aparecerem...

A differença que separa os *homens mecânicos* d'outrora (que os houve e famosos) e os actuaes, é que aqueles estavam absolutamente desprovidos de alma; e estes... aproximam-se a passos gigantes da conquista desse vago, invisível e impalpavel dinamismo que é todo o segredo dos privilegios humanos, sobre os animais e sobre... as maquinas, as mais perfectas.

Que estes *homens mecânicos* já vivem ao sabor de uma alma. Essa alma chama-se T. S. F.; mas—eis a lacuna!—se eles falam, lêem, discutem, cantam, respondem, escrevem, como se a possuissem—e a possuem, levemente—á alma dos *automatados* não es'á dentro deles—mas sim distanciada. A imperfeição reside nisso: os engenheiros que teem produzido esses *seres quasi humanos*—não conseguiram ainda colocar-lhes dentro deles, a alma. A alma fica de fora... Os *automatados* obedecem-lhe, como nós obedecemos á nossa alma—mas... não a possuem em absoluto;



... o creado mecanico cingia a M.<sup>me</sup> Z pela cintura e tentava beijá-la

As ordens veem de longe, veem de fora—e eles executam-nas como hipnotizados.

Uma celebre peça tcheco-eslovaca, que teve um exito mundial—«K K 2»—desenrolava-se numa sociedade em que varios engenheiros tinham povoado de *homens e mulheres mecanicos*. Trabalhavam melhor que os de carne e osso, viviam numa harmonia de paraizo; e a sua perfeição atingira taes proporções—que eles se *reproduziam*, ou seja, os proprios *homens mecanicos*, consituam por suas mãos d'aço, novos seres eguaes—como se tratasse de novas gerações em obediencia ás leis da natureza. Mas um belo dia os automatados revoltam-se contra os engenheiros. A sua colera é tal que estão despostos a chacinal'os—se os engenheiros não atenderam ás suas reclamações! E que não cada vez mais infelizes! Infelizes, porque não podem amar; infelizes, porque não sabem o que é a alegria; infelizes porque não sabem o que é a felicidade e nem sequer a desventura! Porquê? Era sua propria perfeição que provocava aquela revolta. Maquinas perfeitas—compreendiam, por isso mesmo que lhes faltava o principal: a alma; e sem alma, o mais perfeito dos *homens*—será apenas uma maquina.

Disseram os criticos que o «K. K 2» era uma *charge* a civilisação prussiana. Mas seja como fór—a sua moralidade é oportuna. No dia em que o *homem mecanico* tiver a alma da T. S. F. dentro dele—atingiu a perfeição humana.

\* \* \*

E', sobre esta matéria, que um humorista alemão desenha uma *charge* admiravel! Visiona ele que, dentro de poucos anos—em 1950—dar-se-ha a primeira victoria pratica dos *homens-mecanicos*. Nessa época—acabaram-se os serviços; os creados de quarto e de meza, os lacaios e os mordomos desapareceram. O *serviçal de aço* e o *creado mecanico* os substituem com mil vantagens—aparentes... Todas as cidades terão grandes armazens, especie de *Stands*, onde se vendem os creados automaticos.

O sr Z..., novo rico e sua esposa, após a compra dum palacio e de um Roll-Royce» com o produto de traficancias—decidem comprar alguns creados mecanicos, então em moda. Começam por ler os anuncios dos jornais. Cada marca faz o reclame ás maravilhas dos seus produtos: «Se quereis um bom serviçal, discreto, incansavel, habilidoso, obediente—escolhei-o da marca «KOK». São os melhores acabados. Garantia por dez anos. Se se quebrar qualquer peça, um braço, um olho, um pé—não existe outro prejuizo alem do de adquirir uma peça nova, visto que as nossas agencias teem sempre grandes *stocks* de peças sobrecelestes».

Os esposos Z dirigem-se ao armazem da marca «KOK»; o director—de fraque e ajo-notado como um vendedor de autos de luxo, conduz os clientes através as várias salas de exhibição. Antes de entrar, pigarreia uma tosse... convencional; e os autômatos, que estavam á vontade, palestrando entre elles—avisados por essa tosse, perfilam-se e aguardam, como escravos num mercado de Alger, que venha alguém comprá-los... «Aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> esta creada—que é uma maravilha, sobretudo para rouparia; lava, engoma, cose maravilhosamente... E duma solidez a toda a prova... Ora queira V. Ex.<sup>a</sup> apalpar... E custa uma bagatela... Preço de fim de série». Mas a sr.<sup>a</sup> Z não quer essa *roupa mecanica* e resiste á lenga lenga do vendedor. Porquê? Porque o marido, aconselhado pelo comerciante, passou as mãos pelo torax d'aço da serviçal e ela julgou compreender entre esta e o esposo um olhar... demasiado longo... Passam á secção dos creados de quarto: «Aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> um modelo ideal—o mais moderno... Barbeia e corta o cabelo como o melhor *coiffeur*. V. Ex.<sup>a</sup> quer experimentar? Além disso é impecável, duma disciplina... absolutamente mecanica. Não encontra melhor no mercado! Mas se V. Ex.<sup>a</sup> quer, levam-no á experiencia uns dias. Se não servir, trocamos por outro...»

Duas horas depois o casal adquiriu três creados e uma creada—que, ao chegar a casa já lá estão e os aguardam! Nos primeiros tempos os esposos Z... abençoavam a ideia que tiveram e a ciência que creou tais máquinas. Nunca o serviço esteve tão retmico, tão assegurado—e nunca os patrões se sentiram tão satisfeitos e tranquillos. Que socego! Que disciplina! Que trabalho bem feito... Mas, findo o primeiro mês—começam as surpresas... Uma noite que M.<sup>me</sup> Z estava ausente em casa da sogra, na provincia e que o Sr. Z aproveitou para ir pandegar ao *cabaret*—admira-se, ao entrar em casa, porque o seu creado de quarto, ao contrário do costume, não o está esperando no *hall*, para o acompanhar aos aposentos, ajudá-lo a despir, arrumar a roupa, trazer-lhe a água mineral! Procura-o por toda a casa e acaba por descobri-lo, profundamente adormecido, num *mapple* do escritório. Chama-o, sacode-o mas o automatado a nada se move! Ter-se-há escangalhado!—pensa o patrão, lamentando já o dinheiro que gastara! Mas não... Rapidamente descobre o segrêdo daquele sono cataleptico! Ao lado do *mapple*, esvaziada por completo, estava uma



Reuniam-se para devassar a vida dos... anos

garrafa de Benedictine; e uma caixa de charutos... da qual poucos restavam. O cavalheiro estivera fumando e bebendo toda a noite; e como as suas visceras metálicas não estavam acostumadas a outro liquido que não fosse assencia e o oleo; e a outro fumo que não fosse o da combustão explicava-se aquela bebedeira... mecanica. Doze horas dormiu, e como, ao acordar, se mostrava impossibilitado de trabalhar, foi preciso chamar um engenheiro que o levou para a oficina e o trouxe limpo e concertado! Mas não param aqui as surpresas... Pouco a pouco a M.<sup>me</sup> Z começa a dar se conta que os visinhos conhecem, até ao detalhe, as intimidades do seu lar—as mais secretas. Põe-se alerta e uma manhã descobre um conciliabulo em voz baixa, entre todos os creados automatados e o moço do carvão (este humano...) em que os automatados contavam ao carvoeiro o que tinham devassado da vida dos amos, escutando às portas ou vasculhando as gavetas. Doutra vez surpreende um dos serviços a dar lustro aos seus pés metálicos... com as escovas e com as graxas do patrão; e como se isto fosse pouco, todos eles se relaxam, trabalhando cada vez peor e mandriando mais, quebrando louça, produzindo toda a casta de estragos, indiferentes a ralhos e ameaças... duma indiferença de automatados. E um belo dia, estando o sr. Z no banho, é alvoçado pelos gritos da esposa. Corre mesmo nu para o corredor—e vê, passado, um dos creados mecanicos, abraçado a M.<sup>me</sup> Z, procurando dominá-la, beijá-la e murmurando-lhe palavras de louca paixão... Não! Agora era demais! Os esposos Z correram com os serviços mecanicos e contrataram novos creados... de carne e osso...»

Que bela visão do futuro—não lhes parece?

## HOMENS E FACTOS DO DIA

Comentários inocentes á volta da morte de D. Maria da Piedade Ribeiro

(Conclusão)

rancia ficando pelo contrario, premeados pelos lucros da proeza; e sem que a justiça e a sociedade suspeitem sequer!

Não se deve apontar nunca um perigo sem indicar a seguir a forma de o evitar. Mas isto de evitar que numa classe, aliaz digna de todo o respeito humano, glorificada pelos talentos mais scintilantes de todas as gerações, honrada por milhares de martires, de heroes anonimos e desprotegidos, de sacrificados e benemeritos de todos os generos—se enfiltem individuos sem escrupulos, almas gafadas pela ambição sem freio, capazes de germinar toda a classe, de crimes, de os executar e de se defender até a impunidade absoluta e justificada—é o mesmo do que exigir uma analise quimica aos sentimentos e nma profecia sobre más tentações futuras de todos os jovens que se formam em medicina. Depois ninguem como um medico (refiro-me apenas a excepções inevitaveis e sob a hipotesis apresentada no caso de D. Maria da Piedade) pode com toda a segurança, certeza, toda a limpeza praticar uma proeza deste genero, E' chamado; obedecem-lhe sem fazer perguntas—e a quimica é uma tão prodiga em combinações sinistras—quando usadas que velhcaria e ruins fitos!

Não! Apresentei o perigo, ou por outra: forçaram-me a apresenta-lo mas não posso não sei indicar a forma de o evitar. Se ao menos as manobras daquele individuo que excitou tantos jornalistas e afinal e a mim proprio, a cometerem a inoportunidade de uma campanha ruidosa e simultânea em redor de uma queixa que nada adianta conseguisse desmascarar o verdadeiro culpado—Mas—que querem?—pouca esperança depositou nesse individuo porque, ao fim e ao cabo, as suas manobras na sombra, o tornam suspeito também. Quem não teme trabalhar á luz do sol e não nas trevas. Ou não é assim?

Reporter X

## O MORTO 446

## N.º 3---AS VÍCTIMAS DE AZEF

Como o traidor explorava a Okrana e "B. O." — A vida de asceta e a vida faustosa de Azef. — Esbanjador e económico. — A lista dos atentados principais organizados por Azef. — As suas vítimas revolucionárias — A Sibéria e o patíbulo. — Savinkov — o homem que ele amava como irmão...



Um quarto modesto e um russo [mugik velho com olhar de louco]

**N**OS números anteriores — 102 e 103 — apresentamos um mistério indíviduo russo, Azef, célebre em vida, pelas suas façanhas como espião da polícia imperial. Simultaneamente, vários reporteres moscovitas, desenterrando velhos dossiers descobriam que Azef tinha sido o maior traidor que a humanidade conhecera até então. Traía a polícia, vendendo os seus segredos aos revolucionários; traía os revolucionários fazendo-se passar por anarquista e vendendo à polícia a denuncia dos atentados... que ele próprio planeava e mandava executar. E com tal astúcia e audácia agia que atingindo as melhores situações na «Okrana» (Polícia Secreta Russa) conseguiu organizar o célebre partido «B. O.» que espalhava um terror sangrento no Imperio — guiando-se à chefia desse comité e sendo obedecido cegamente pelas maiores figuras revolucionárias.

A fortuna de Azef — dissemos já — era a prova flagrante da sua dupla e constante traição. Como ele arrancava dinheiro à Okrana ou seja à chefia da Polícia Secreta do Imperador — já os leitores sabem. Falta revelar as suas manobras financeiras — com a «B. O.»... A «B. O.» não só era regada a ouro pela dedicação e sacrificio dos revolucionários de todos os cantos da Rússia — como recebia do estrangeiro frequentes e quantiosas somas, producto de permanentes subscrições realizadas entre os simpatizantes de todos os países. Essa fortuna, sempre renovada, era recebida por Azef, chefe supremo do partido e distribuída (!!!) sem que dissesse prestações — não só porque todos confiavam cegamente no chefe como também porque as despesas de uma entidade como «B. O.» (atentados, espionagem e contra espionagem, etc.) devem ser secretas. Era tal o fanatismo que Azef conseguia inspirar aos revolucionários que estes apresentavam-no como um exemplo de misticismo, de sacrificio e de honra máximas. «Azef — diziam — é tão sobrio e tão indiferente a todos os prazeres e comodidades — que se alimenta apenas de pão e harenques!» E para que a sujestão fosse completa — o velhaco passava a vida a proclamar que... o dinheiro do partido era sagrado! que nunca, com o seu consentimento, se esbanjaria um rublo que não fosse imperiosamente exigido pelas necessidades revolucionárias e pela libertação da Rússia e do Povo. » De facto, dentro da zona em que se sentia vigiado — Azef fazia uma existencia de asceta comendo como um mendigo, bebendo agua simples e não gastando nunca um Kopek fosse no que fosse. Contudo procurava frequentes oportunidades para sair dessa zona — afastando-se dos camaradas para... preparar mais reforços para a «B. O.» ou viajando pelas grandes capitais europeias, com missões especiaes. Mas se os «camaradas» se deixavam burlar pela sua hipocrisia — os seus chefes da Polícia, ante os quaes ele não se importava de alardear sobriedade e economia (pelo contrario: convinha-lhe demonstrar grandes gastos, exigidos pelos imprevistos do

seu zelo de espião para que os chefes não se surpreendessem quando ele lhe apresentava a lista das despesas) não ignoravam a vida que ele levava nessas ausências à «B. O.» — fosse na Rússia, fosse no estrangeiro. Nos dossiers da Okrana foram encontrados relatórios onde colegas de Azef — revelavam aos chefes esses esbanjamentos. Comia nos melhores restaurantes, passava as noites em dancing, bebendo champagne e cercado de cocotes d'haute cotage, viajando sempre em expressos de luxo, frequentando os melhores teatros, esbanjando, em suma, como um nababo. E apesar desta prodigalidade — as suas traições rendiam-lhe o suficiente para que ainda lhe chegasse o dinheiro para amealhar um valioso pé de meia, comprando grandes lotes de papeis de crédito de boa garantia, jogando nas Bolsas e depositando importantes quantias em dez ou doze filiais do «Crédit Lyonnais»...

#### As grandes façanhas do traidor

Quantas vidas sacrificou Azef, nas suas continuas traições? Impossível de contar! Como chefe do terrorismo — tomou parte em todos os atentados — que ele próprio planeou — com excepção dum: do que foi vítima o ministro Interior Sipiaguin (1901), porque nessa época ainda não conseguira ser o mandatário do partido. O famoso terrorista Sakinkof (cujo retrato publicamos no número anterior) dá uma relação de 25 atentados, obra de Azef — mas põe no fim um etc. significativo... Citaremos os mais importantes: o do ministro von Plehve; Gran-Duque Sergio; general Bogdanovitch; Gran-Duques Vladimiro, Alexandrovich e Nicolas; ministro Durnovo; generais Trepof e Dubasof; almirante Chugnin, generais Miria, von der Launitz e Kleigels; barão Underbergerer; Rakhovskiy, administrador da Polícia Secreta; Tatarov, agente provocador, e da sua velha mãe atingida pelas balas dos matadores; o espiã Pavlov — que estava na pista da dupla personalidade de Azef e que este fez morrer antes que o des-

mascarasse aos chefes; e três atentados, fracassados, contra o imperador — não falando de todos os motins e revoltas, anteriores e posteriores a 1905. Estes foram as vítimas (entre muitas outras) da sua traição à causa do Imperador — que ele jurava defender; vejamos agora as vítimas da sua traição aos revolucionários. Mais de quinhentos camaradas, que ele, como chefe, mandara executar os seus planos (denunciando-os à polícia a tempo desta os prender) acabaram nesse inferno branco que é a Sibéria; e cento e doze, pelo menos, (Savinkov numeiu-os a todos mas declara que a negra lista é muito maior) acabaram no patíbulo — entre os quaes os tristemente célebres «oito enforcados de Petersburg» que serviram de base ao admirável livro de Joan Toniell que leva esse título. Havia um pobre sapateiro que tinha três filhos; e graças aos seus sacrificios, conseguira dar-lhes educação e levá-los até à Universidade. Azef os desinquietau para fazerem parte da «B. O.»; sujestionou-os a cometer um atentado e denunciando-os levou-os à forca. A pobre mãe não resistiu ao desgosto morrendo pouco depois; e o sapateiro, ao ver o lar deserto, caiu numa marasma vizinha à loucura. Pois bem: nem assim Azef o deixou em paz. Visitando-o para o consolar, ocultou-lhe, no colchão, certos documentos, indo a seguir a Okrana propor em troca de mil rublos a indicação do local onde esses papeis estavam guardados. Os chefes pagaram-lhe — e ele conduziu os agentes a casa do sapateiro. Encontrados os papeis, o desventurado foi preso e mandado... para a Sibéria — morrendo pelo caminho. O próprio Boris Savinkov (!) — que Azef dizia amar como a um

(!) O relato da tormentosa vida de Savinkov, o mais azogado dos terroristas russos, foi publicado pelo «Reporter X» em 17 de Outubro de 1931 — graças ao mesmo autor desta reportagem. — (N. da R.)

# Quem é o "português" que em 1922 acompanhou Mussolini na conquista de Roma

Continuação das págs. 8 e 9

alma satânica de Mussolini, seu automatado de ideias diabólicas, autor de muitas *trouvaillies* de que Benito se glorifica e que esse estrangeiro, não sei com que fito, se deixa expropriar...

## Roma !!!

Sábio em todos os detalhes, Mussolini ao ter conhecimento que conta com fiéis entusiastas em toda a península—em vez de se banalisar, convivendo com êles nos grandes centros—isola-se, confia a pilotagem desses nucleos aos seus colaboradores e organiza teatralmente o quartel general em Perouse. E' d'ali como da cabine dum Maquiaveli que d'spusses de electricidade, da T. S. F. e de todos os recursos da ciência moderna—que ali se orienta e orienta e galvanisa as massas. Ali, a sua *entourage* limita-se aos indispensaveis,—e entre estes, dois sêres inigmaticos: uma *mulher* que nunca se soube quem era e um *estrangeiro*—um português que ninguem sabe a que titulo segue Benito por toda a parte.

Estamos próximos da marcha sobre Roma. Benito não queria experiências precipitadas—e embora sentisse que o *ambiente escaldava*—exigiu primeiro uma prova dos 99. Essa prova foi o Congresso de Napoles, que se realizou em 24 de outubro. De surpresa—deu o alarme e logo em Napoles se juntaram 40.000 camisas negras. Bom! O *número* era já uma certeza. Os *metteurs-en-scene* lançaram, à sua passagem, dois gritos: «Eia! Alala» e «Roma». Os olhos e os ouvidos de Mussolini estavam bem atentos. Tão pouco podia duvidar que a um gesto seu—a marcha se faria! Parte logo para Milão e escreve o artigo de fundo no seu gabinete do *Popolo d'Italia*—quando o exército e o governo, este forçado por aquêle—tem o jornal cercado de tropas e metralhadoras apontadas contra as janelas. Alguem o avisa desse perigo—o perigo de que o governo precipite os acontecimentos para facilmente os dominar. Mussolini foge do jornal—vestido de tipógrafo e com os tipógrafos sai de Milão, entre os operários que trabalham nos arredores. A poucos metros da cidade espera-o um auto—e eil'o refugiado de novo em Perouse. Facta, então chefe do governo, teme que os seus expedientes fracassem e tenta tambem uma habilidade. Envia emissários ofrecendo uma pasta a Benito. Este responde: «Ou tudo ou coisa alguma!» Facta, volta aos expedientes, tenta desarticlar toda a organização da marcha, que já está informado, deve efectuar-se de 29 para 30! Como? Expedindo provocadores para várias cidades como se fossem plenipotenciários de Perouse, e ordenando a saída sobre a capital, mas desencontrando as datas e as horas, de modo a sub-dividir em pequenos magotes a grande legião e poder assim oferecer ao exército, que espera ordens, próximo de Roma, uma vitória certa. E' ainda o *estrangeiro*—o português—que os salva dessa cilada. Não havendo tempo para evitar doutra fórma as precipitações, telegráfa aos jornais dessas cidades anunciando que o rei ofereceu o governo a Mussolini. (Maurice Bourdet diz que foi Balbo quem teve essa ideia—mas o próprio Balbo já o desmentiu).

E assim seguram as legiões até 29. Nessa data—a marcha realisa-se: enquanto Balbo, Bosso e Branchi e outros ficam ao norte, contrariando as surpresas da rectguarda milhares e milhares de camisas negras, em *camions*,

em bicicletas, em carroças, invadem Roma pelo Porto do Povo e colocam-se sob as ordens de Mussolini. Horas de expectativa horrivel! Afirma-se que Benito quer derrubar o trono, implantar um regimen semelhante ao russo; parte do exercito, fiel ao rei, está disposto a travar a luta, e a luta está eminente—porque os *camisas negras* veem todos armados. Até de metralhadoras e artilharia dispõem. Súbito, numa mutação teatral, tudo se transforma. Facta demite-se e Victor Manuel chama Mussolini ao Quirinal. Pouco depois, aparecem os dois à janela, cercados pelo general Diaz e pelo almirante Ravel; e Mussolini, discursando aos seus milhares de «sempre



Ross, ex-agente da I. S. de Londres, autor do relatório sob o português de Mussolini e que foi assassinado ha semanas, em França

pronti», exclama: «Dentro dumas horas tereis—não um ministério—mas sim um *governo!* Contudo o perigo, não desapareceu—e é preciso evitá-lo. Para o evitar, é necessário impedir a loucura do entusiasmo, as imprudências dos embargues da vitória. E nessa mesma tarde, cento e muitos comboios se organizarão... para reconduzir a suas terras, os «camisas negras» que tinham vindo a Roma...

## A acção desconcertante do português em Roma

Citamos, há pouco, Malaparte e Tarchini Vacchio. Como autores de referências sobre o «português» de Mussolini. Muitos outros autores podiamos citar. E—detalhe notável—se d'inicio eram vagas essas referências—elas tomam vulto e importância à medida que os anos passam. Nunca como agora, no X.º aniversário da victoria—se falou e se discutiu a secreta missão desse *estrangeiro*. Basta dizer que a imprensa alemã lhe dedica longos artigos cheios de hipóteses e ilustrados com um *retrato* que não sei como foi obtido. Recortemos ao acaso—um desses artigos assinado por K. Wansyler—no «Kolonisch-Zeitung», de 25 último.

«Como surgiu esse estrangeiro na campanha fascista? Quem o trouxe ou o impoz? Mistério... Sabe-se que foi logo no inicio das reuniões de Perouse... Seguiu Benito a al-

guns metros de distância—discreto, e tão humilde, atento e mudo que podia ser tomado por um guarda-costas ou por um creado de confiança. Contudo o seu aspecto não era plebeu. Vestia com certa correcção. Moreno, tísnado, magro mas nervoso e enérgico sob a mascara da impassibilidade; as faces chupadas, músculos faciaes, sempre contraídos—e, o que mais impressionava, uns grandes olhos castanhos, que uns oculos grossos dilatavam e a miopia esboalhava, dando-lhe, por vezes, uma expressão de alucinado! Procurava apagar-se, mas quando Mussolini entrava no seu gabinete, podiam todos estacarem à porta—que êle, sem mais protocolos, entrava logo e acantava-se, silencioso, macambuzio, atento... Essa atitude de humildade era correspondida por Benito por um paradoxal respeito, uma constante cortezia—que Benito, ante testemunhas atenuava, como que por pudor. Uma vez, Bianchi trazendo uma notícia grave a Benito e ao ve-lo acompanhado por um «desconhecido»—fez-lhe um sinal discreto. Mas Mussolini, sorrindo-se, respondeu: «Podes falar à vontade! E' de toda a confiança». Outro detalhe: Benito nunca o apresentou nem falou dele fosse a quem fosse—mesmo quando tentavam abordá-lo sobre este assunto. Soube-se que era estrangeiro—porque um dia Balbo pediu-lhe lume e êle quedou-se como que atontado—sem dar resposta. «Compreende muito mal o italiano—entrevio Benito—Ainda não teve tempo de «aprender». Soube-se que era português—porque um dia, discutindo-se o problema colonial lusitano, surgiram dúvidas históricas—e Benito, dirigindo-se-lhe, disse: «Você é que deve saber ao certo quem é que está na razão, visto que se trata de Portugal». Quanto ao nome desse português, sua missão, seu passado—nunca se apurou um só pormenor. Conta-se que Mussolini, quando queria perguntar por êle, dizia apenas «Aquele meu amigo português»...

«O que parece provado é que Mussolini se fechava com êle, horas e horas, nos dias mais graves da luta; que nos dias que antecederam a marcha sobre Roma, êle andou numa lufalufia, em automóvel de Milão para Perouse; de Perouse a Napoles; e que por último seguiu Benito até Roma. Em Roma, no dia do triunfo, ainda foi visto, aqui e acolá, mas raras vezes na piugada do chefe. Depois desaparece, sem deixar vestígios!

«Porque razão os adversários do fascismo guindam este homem a uma importância capital no xadrez fascista? Suspeitas? Segredo político? Ignora-se...

O autor dessas revelações, o alemão Wansyler, não é um inimigo de Benito; mas Marcelo Almirante, tio dos celebres irmãos Almirantes, antigo senador, exilado em Berne publicou este ano um livro—intitulado «Mussolini em estero»—em que tambem foca aquele enigmático português. (capitulo IV—pag 82): «A campanha que antecedeu a victoria, dois anos de lutas, de munições queimadas, de deslocacões, de viagens, de propagandas, custou, segundo afirma lealmente um dos administradores do partido, 375.620.500.000 de liras, As cotas, subscrições, etc. etc. renderam 91.483.670.000 liras. Não pergunto quem cobrirá o *deficit* de 284.136.830 liras. Não sei mesmo a que proposito citei estes numeros officiais—quando o meu objectivo era apenas evocar o inigma que cercava os objectivos politicos sociais de Mussolini—ou seja a *forma de governo* que a sua victoria devia trazer à Italia. Nunca o precisou—na propaganda. «Teorias, platonismos, convencionalismos que

não me interessam—era a sua frase constante sobre este assunto». Contudo—a monarquia italiana, a Itália realista, temiam-no— porque lhe juraram que Mussolini ia implantar um regime semelhante ao russo. Esta afirmação correu as chancelarias—e os governos estrangeiros. Ross, consul inglês e espião do *Intelligence Service* (1) escreveu um relatório aos seus chefes de Londres—(a cópia caiu nas mãos da polícia do governo italiano) no qual afirmava que Mussolini estava ligado a Moscú e que o seu lito era surpreender o paiz com uma república mui parecida à da Rússia. O que mais fortalecia esta hipótese era a *influência que certo estrangeiro—espanhol ou português—exercia em Mussolini—sabendo-se, (Ross garantia-o) que ele pertencia à Guepeau, de Moscú.*

Quando foi da marcha sobre Roma, esse estrangeiro deu provas de uma actividade, de um espirito de organização e de uma inventiva maquiavelica, em favor do fascismo, verdadeiramente... bolxevista—estilo Trotsky. Mas, mal constou que o príncipe de Piemonte ia precipitar e desviar os acontecimentos—alistando-se no fascio—ei-lo que se separa de Mussolini e emprega todos os seus esforços para evitar esse *coup de theatre* salvador da monarquia italiana—até ao extremo de tentar um rapto... Ao escutar os primeiros *vivas ao príncipe*—abandona por completo Mussolini—e durante horas ignora-se qual foi a sua acção. Ha quem afirme que ele se avistou com o estado maior do exercito—amassado na visinhança da capital e pronto a intervir—e que denunciou aos chefes militares que os «camisetas negras» preparavam um assalto ao Quirinal com o plano de uma chacina do genero de Ekaterimbourog. Esta informação alertou o exercito e se não fosse a prudencia do general—ter-se-hia dado um choque irremediavel. Mas o general, antes de agir—quis telefonar para Roma; e de Roma disseram-lhe que a noticia era falsa e que Mussolini estava conferenciando com o Rei! O general, que era até certo ponto, simpatizante com o fascismo, quiz prender o denunciante—mas já este se sumira—e desta vez para sempre. Não tornou a ser visto nem com Mussolini nem com os adversários. Qual o interesse desse homem em evitar uma revolução pacifica; e sobretudo um acordo entre Mussolini e a monarquia—após dois anos de colaboração, esforçada, dedicada e fiel com Mussolini? Que interesse o seu em evitar que o príncipe aderisse ao fascio e ganhasse portanto a simpatia dos fascistas? Que interesse em provocar um remate sangrento à marcha—excitando os sentimentos realistas do exercito contra Mussolini—através de uma falsa denuncia? Ou dar-se-ha o caso de que fosse Mussolini quem faltasse, à ultima hora, às promessas feitas a esse estrangeiro...

\*\*\*

E é tudo o que se sabe desse misterioso portuguez...

(1) Ross pertence à série dos ex-agentes de espionagem inglesa que tem sido assassinados misteriosamente em França. Já foram quatro—e Ross appareceu morto ha um mez em Nice—N. da R.

## O MORTO 446

Continuação da página 12

irmão foi vendido pelo traidor à policia. Salvou-se da morte, quando, a poucas horas da execução, alguns officiaes de Sebastopol, filiaes do «B. O.», o ajudaram a fugir. Ao saber que Savinkov se evadira—Azef não descansou enquanto não soube os nomes dos que o tinham ajudado na fuga (o que lhe era fácil visto que estes viam em Azef um chefe e julgavam dar-lhe grande alegria salvando da

morte o homem que *ele amava como irmão*); e logo que apurou esses nomes foi vendê-los, por bom preço, à Okrana, sendo todos eles enforcados!

No próximo capitulo revelaremos como Azef conseguiu, graças a um estratagemma verdadeiramente maqueavelico, levar a cabo a sua dupla missão de espia e de terrorista, executando ou organisando atentados, que *produziam ultimas*, e denunciando-os à policia que *prendia sempre alguns dos autores*—sem cair nas suspeitas de uns nem de outros.

(Continua no próximo numero).

## As Agulhas Empeçonhadas

continuação da pág. 5

dum dos *appartements*. Correram todos para os corredores; e os primeiros foram quasi derubados por um homem, *bem pôsto*, mas sem colarinho, que saia dum dos quartos, *com um lenço o velar-lhe o rosto* e que alucinadamente, se puzera em fuga E logo a seguir surgiu uma *penionista*, de olhos dilatados, a guedelha loira esfarripada, o sangue a serpentear o colo nu—com a mascara do mais profundo terror afevelada ao rosto E contou como que embriagada, o que se passara: aquêle desconhecido, que parecia portuguez, tentara primeiro, convencer-a com engodos de dinheiro; e depois, pela violencia, suando, brutalizando-a, contraindo o rosto em esgares de louco—a deixar-se *picar no peito*, com umas agulhas que tirara, preciosamente dum caixinha de prata. Estava revelado o «fantasma»-das agulhas. A policia e os repórteres, guiados pelas informações da vitima—lançaram-se na sua peugada; mas nunca mais, S. Paulo, tornou a ter noticias de um atentado de «agulhas». Oculto ou fugitivo—o *fantasma* diluiu-se, desapareceu...

Mas o caso de S. Paulo, não é inédito; de 1922, durante um período mais curto—uns seis mezes—Barcelona foi sacodida por um caso identico. Podiamos ainda citar mais duas cidades—uma europeia e outra americana; e duas épocas—1925 e 1930—mas—para quê?

### O caso de Lisboa

Um colega nosso, que despertou a iniciativa desta reportagem, começou por recordar a época em que ambos trabalhavamos na mesma redacção e em que Lisboa vivia sob a lenda das «agulhas empeçonhadas». Evocou uma tarde, de 1918, em que o nosso chefe, vindo da rua e abacando à sua meza, sem tirar o chapéu—nos disse:

«Acabo de assistir a um caso que me impressionou profundamente. Uma pobre rapariga do povo, bem moldada e de lindos olhos, foi *picada*, de surpresa, num braço, ao passar pela R. D. Pedro V. Gritou, viu que tinha uma gota de sangue, notou um vulto que se perdia numa esquina e ficou como que tonta de pavor. E não é caso unico. Teem-me falado em varios atentados identicos. Não há dúvida que se trata de um satiro de novo genero—cuja tãra exige, para saciar a sua morbida sensualidade, espetar, com as suas mãos a carne rija e sadia das belas moças. Que se visionem um monstro assim—à solta em Lisboa! Não é a importancia da ferida! É o terror que nos causa a ideia que as nossas mulheres, irmãs, noivas estão sujeitas aos caprichos satãnicos desse cavalheiro: Voces nunca leram o livro «Dentro da Noite» de João do Rio? Ele retrata admiravelmente um caso desse genero! Segundo me disseram, não era fantasia—mas sim *fotografia psiquica* de um portuguez aristocrata que teve a sua aureola no Rio de Janeiro, ahi por volta de 1910—e que o escandalo da sua tara obrigou a repatriar-se. Vocês sabem quem é! E pronunciou o nome de um titular de gloriosa ascendencia que todos vós, leitores, conheceis—pelo menos de nome...

Ora bem... Esse nosso colega, ao ter noticia de frequentes *reprisses* desses atentados em Lisboa (de 1917/1919) tentou uma pista. Conseguiu mesmo descobrir um dos refugios desse estranho satiro—num casebre dos arredores de Lisboa—refugio onde ele nunca mais appareceu, como que prevenido da descoberta do reporter. Mas ou por fadiga ou por outra qualquer motivo, o nosso camarada não chegou a terminar a reportagem...

Desenrolam-se quatorze anos! E ao revivermos, esses tempos eis o que ele nos declara: «Se fosse hoje—concluiria essa reportagem porque tenho a certesa de que conheço o «homem das agulhas». O paradoxal é que só muito tarde me fixei no nome do tal titular que o nosso chefe citou como modelo do livro de João do Rio. De facto sabia que ele vivera, até 1910 no Rio de Janeiro, que até 1920 estivera em Portugal; de 1921-22 vivera em Espanha; em 1925, fôra tentar fortuna à república espanhola da América; de 1927 a 29 voltara ao Brazil—mas desembarcando em Santos e indo directamente para S. Paulo... Em 1930—apparece numa pequena capital europeia negociando não sei em que... Desde Julho do ano passado que vive numa quintarola que herdou, a dez leguas de Lisboa... Vi-o uma vez, ha, mezes: está velhissimo; anda num passo aritmico, algo revelador de certas molestias nervosas medulares, consequentes de grandes desequilibrios e excessos... Fitei-o de tal fôrma—que o *fidalgote* sentiu-se mal onde estava e abalou, aos *ss* e *rr*—como um *charlot* assustadigo... Foi então que eu, recordando o livro de João do Rio e sobrepondo as datas e as terras por elle visitadas—as *epedemias* das «agulhas»—me pasmei ante tamanha coincidência. Tratando-se de outro qualquer individuo,—podia ser attribuido...a um acaso. Mas tratando-se *dele—dele*, que João do Rio usou como modelo para o «Dentro da Noite»—era forçoso... apontá-lo como auctor dessas extranhas *à la charges*... d'agulhas!

Eis, portanto, quatorze anos depois, se revela um mistério, que tanto impressionou os lisboetas...

## O TEATRO DO AVESSO

### Coristas, comparsas, figurantes

continuação da pág. 4

obrigado a estrear-se no dia da chegada a Pernambuco ou Manaus com o dramalhão «Os Templarios», mandou chamar, à pressa, o cabo dos figurantes do teatro para lhe dizer: «Preciso esta noite sessenta figurantes—10 para os frades, 40 para os soldados portuguezes de Aljubarrota». O cabo, coçando a barba, explicou: «O sr. Alves sabe que comparsas... sim... brancos de todos, não tenho... Arranjam-se os que quizer—mas são um pouquinho... escuros... Os mais *claros*... são assim como eu!—ora ele era pardo—um autentico mulatão, muito café e pouco leite; e Alves da Silva ia a arrepear-se—quando o cabo o serenou: «Mas eu sei como se resolve a encrenca. Já ha dois anos, quando cá estiveram aqueles *mabebes* do Chico Rola eu lhes forneci comparsaria da mesma cor—para representarem a *Leonor Teles*. Pinta-se a *mulatagem* com umas tintas que eu conheço—e ficam branquinhos como se fossem ingleses! Alves da Silva entregou-se à Providencia; e mal chegou a noite, foi espetar a entrada dos futuros frades e heroicos soldados: a grande maioria era negra como um tição... Antes de subir o pano, passando revista ao pessoal,—a custo conteu o riso. Pareciam *Pierrots* ou *clowns* enfiados não com alvaiade mas com uma pasta amarelo claro, sobre a qual, o cabo, para dar *realismo* à mascara europeia dos pretos e mulatos, pincelara umas rosetas vermelhas. Calculou essas caratonhas carnavalescas, com cabeleiras da época, os olhos redondos a gira-

rem no *vacuo* branco das orbitas, os maxilares salientes, as beilças carnudas e caídas! Bom! Subiu o pano—e contra a expectativa de Alves da Silva—o publico não se escandalisou! Vem o segundo acto e como o calor apertava—o suor começou a traçar numerosas fitas negras na tinta amarelenta da maquiagem! Mas no terceiro acto no acto da batalha de Aljubarrota—quando Nun'Alvares prega um sermão patriótico aos heróicos soldados—Alves da Silva, julgou que ia perder os sentidos: os heróicos soldados que o escutavam, fremitando ferocidade belica... não eram nem brancos... nem negros. O suor completara a sua obra; as tintas estalavam e se a face direita de uns estava ainda vagamente parda, a esquerda regressava à realidade, ou seja ao negro retinto, salpicada esta de manchas amarelas—e aquela de manchas negras. «Aquilo não eram *guerrelhos Lusitanos*—mas canibais furta côres dalgum continente virgem—tatuados até ao deirio!—dizia depois Alves da Cunha...

\* \*

Uma época, no Rio de Janeiro, o actor português Eduardo Vieira quiz dar um tiro teatral, representando, em 1 de dezembro o drama «1640». Montou a peça *à la minute* e só na véspera pensou na figuração. O cabo da companhia era andaluz e achou por bem proteger compatriotas seus desempregados—contratando tantos portugueses como espanhóis! Pois—foi uma autentica batalha iberica! Ao chegar ao quadro da revolta, os portugueses excitam-se com o patriotismo da scena, insultam os castelhanos; estes ofendem-se e ei-llos à espadeirada uns aos outros: Em resumo, oito feridos—e o espectáculo suspenso porque os comparsas foram todos para o xadrez.

\* \*

Assistimos algumas vezes em Paris, à chegada dos cabos de figuração a certo café de Coumartin—e notavamos o alvorço com que os e ebanhados partiam para a Opera ou para Saint-Martim muitas vezes sem ter jantado...

O «Chatelet» é o teatro parisiense que mais figuração gasta todas as noites. Reportorio unico de «grandes espectáculos»—Miguel Strogoff, «Volta ao Mundo», «O tio da America», «Sidonil ou a conquista de Alger», assim como não se priva de realizar, em scena, paradas militares, cargas de cavalaria, corridas de cavalos e de remo, caçadas às feras, naufragios de grandes barcos e derigíveis, tempestadas polares, batalhas com... artilharia etc.—não se esquivia tão pouco às grandes massas de figuração. Tivemos, um dia, ensejo de ver a folha de comparsaria duma dessas obras classicas do «Chatelet»—*Les voyages de Zut-en-l'Air*. Entre marinheiros, peles vermelhas, chinas, soldados francezes canibais do Pacifico, revolucionarios mexicanos, esquimaus, policias londrinos e parisenses, apaches, cortezaos do imperio chinês, corsarios amarelos, etc.—havia trezentos e tal figurantes. O «Chatelet» tem um chefe de comparsaria e oito cabos encarregados de escolher, vestir maquiagem, ensaiar e conduzir em scena as grandes massas. Sessenta figurantes de 1.<sup>a</sup> classe são contratados e trabalham todo o ano; os restantes recrutam-se todas as noites—e não é preciso ir buscá-los muito longe: não ha *chomeur* ou paria em Paris que não conheça um café vizinho à caixa do teatro—chamado mesmo «Cafés dos Figurantes» onde, todos os dias, desde as seis da tarde, se amassam dezenas, centenas de individuos na esperança de ganharem de 4 a 8 francos no Chatelet.

O cinema trouxe uma nova classe de figurantes—os *extras*. Mas deles nos ocuparemos noutra reportagem...

Um jornalista que desaparece

## Francisco Seara

Chefe da Redacção do «Jornal de Noticias» do Porto.

**A** HORA do nosso jornal entrar na maquina—chega-nos a noticia da morte de um dos jornalistas profissionais que melhor glorificavam a imprensa portuense: Francisco Seara, chefe da redacção do nosso colega «Jornal de Noticias». Ao usarmos a palavra *gloria*, atribuindo-a a um jornalista e ao desditoso Seara—não pretendiamos dizer que este nosso pobre camarada era dos que nivelam os premios morais, a aureola da fama e os beneficios—à legitimidade do seu proprio valor, E precisamente por isso se glorificam esses grilhetas do jornalismo, tão indiferentes ao luxo da celebridade e tão dedicados ao sacrificio heroico de uma grande obra anonima deluida no diarismo volvel de *fazer e chefiar* um jornal.

Francisco Seara era dos profissionais para quem a tecnica do *métier* não tem segredos; que possuem a chama sagrada que pode iluminar um nome e uma carreira, mas que se resignam sem mesmo dar apreço à sua abnegação, a serem um soldado par desconhecido, dos que tudo fazem—e dos que nada esperam. Francisco Seara pertencia à classe dos *Cyranos de Bergerac* das gasetas, que não querem sequer que se saiba que as paginas mais aplaudidas pelo publico lhes pertencem, e que são mui capazes de atribuir a outros essas paginas, para que os outros, como no drama de Rostand vão colher o premio que eles ganharam...

Se como jornalista era uma competencia e como camarada era dos mais leais e afaveis—como chefe, era um irmão mais velho que só demonstrava sel'õ pela honradez com que tomava a peito as responsabilidades do cargo.

Gigante *bon-garçon*, aparentava irradiar saude. Mas os muitos anos de esfalmamento jornalístico—esta profissão que tudo exige, até à vida—e tão pouco oferece em troca—foram minando, em silencio, aquele arcaiboico que parecia invencível. Morre novo, e morre sem que o jornalismo nem a vida tivessem ajustado contas com ele.

A familia do desditoso jornalista, e aos nossos camaradas do «Jornal de Noticias»—os nossos pezames comovidos e saudosos.

## O segredo dum consultorio

Continuação da pág. 6

vez, ha poucos dias! Fui eu quem descobriu no seu corpo uns sinais alarmantes. Obri-guei-a a ir ao medico. O medico não hesitou em diagnosticar!... E eu, meu pai, contagiado estou! Veja... veja...

Dos três, o mais infeliz—ou mais ditoso—foi ela: a tuberculose não deu tempo a que a l... a apodrecesse em vida! O filho, coitado, internou-se numa casa de saude alemã—e dizem que ha esperanças de o salvar—mas o doutor X não o crê! Em D. Diogo o horrivel mal tem-se limitado, por agora, às mãos. Eis a razão porque ele usa sempre aquelas luvas—luvas especiais, luvas afofadas por dentro e que blindam os restos da carne ulcerada.

Desde que soube a tragédia de D. Diogo, nunca mais pude apertar qualquer mão enludada de amarelo—sem um *frisson* de terror...

A enfermeira do Dr. X.

## CESSE DE SER EXPLORADO!!...

A luta pela vida é hoje um facto incontestável e, assim, todos são forçados a reduzir as suas despesas, administrando com cuidado e por forma a distribuir racionalmente as suas receitas.

Os serviços de comunicações constituem um problema vital num paiz progressivo, e o seu desenvolvimento faz-se por todos os meios, cabendo à aviação a primazia dos serviços rapidos, por ela, ligando-se, rapidamente, distancias enormes.

As ligações por estrada com carros-automóveis—camionetas e auto-omnibus—isoladamente ou em ligação com os Caminhos de Ferro, suprem, e completam as realizadas pela via aerea.

Mas para que essas ligações por estrada sejam proficuas, deve atender-se, não somente à sua rapidez mas também à regularidade e pontualidade dos horários, condições estas só possíveis quando o material circulante esteja bem cuidado e os pneus que equipam as suas rodas sejam de boa qualidade, isto é, o seu fabrico absolutamente garantido e adequado ao fim a que se destinam.

O pneu da marca FISK tem no seu activo verdadeiros «records» de duração e assim, não se deve hesitar na escolha!

Adquira um FISK e com ele terá sempre

**Economia—Segurança—Conforto**

NO PROXIMO NUMERO

Uma reportagem sensacional

## UM ESCANDALO

À volta dum formidável cráque bancário

Onde houve homens honrados e onde houve... o contrário

**E**NTRE as tristemente numerosas «debacles» financeiras dos tempos recentes, uma houve que impressionou os próprios lesados, do norte e do sul, pela confiança que lhes inspirava a auréola da honradez de alguns dos seus componentes. Contudo, ao decorrer dos dias, algumas das acusações formuladas eram dilatadas pela evidencia dos factos. E, o mais paradoxal do *affaire*, era se algumas das figuras da *debacle* resvalavam do *bem-estar*, em que sempre tinham vivido para uma situação por vezes angustiada—outros mantinham-se empoleirados em cofres ou pulavam para mais alto ainda. Conclusão é que alguns eram, de facto honrados e provavam ser até à ultima, através todos os sacrificios; em quanto que os outros, indiferentes a tudo e todos, vinham dar rasão aos acusadores e ultrapassar a gravidade das acusações.

O «Reporter X» realiza em minuciosa, imparcial e severa reportagem, a iniciar no próximo numero.

PASSA-SE BEM  
O VERÃO NO  
**ESTORIL ?**

**O verão, e o inverno !**

Se os estrangeiros preferem  
o **ESTORIL**, qual a razão  
porque os portugueses hão de  
procurar Biarritz, Deauville,  
Ostende, etc. ?

A Costa do Sol=igual a Cote  
d Azur; mas... é costa do sol  
mesmo no inverno